

São José Marello

FOCADO EM ALGUMAS
PARTICULARIDADES DE
SUA VIDA

Pe. José Antônio Bertolin

Pe. JOSÉ ANTONIO BERTOLIN

**SÃO JOSÉ MARELLO FOCADO
EM ALGUMAS PARTICULARIDADES
DE SUA VIDA**

2009

SÃO JOSÉ MARELLO FOCADO
EM ALGUMAS PARTICULARIDADES
DE SUA VIDA

REVISÃO

Prof. Rosa Celeste Michelan

DIAGRAMAÇÃO

Solange Pimenta

IMPRESSÃO

Sistema Gráfico do Colégio São José

Apucarana

PRODUZIDO PELO

Centro de Espiritualidade Josefino-Marelliana

Rua Arthur Bernardes, 600

Fone/Fax (43) 3424-9081

e-mail: cejm@net21.com.br

86.808 – 060 – Apucarana - PR

APRESENTAÇÃO

Dois motivos levaram-me a organizar um determinado número de fatos e acontecimentos enfocados em algumas particularidades da vida de São José Marelo. O primeiro foi um pedido de José Leite, um leigo que sempre comungou com a espiritualidade josefino-marelliana e com a Congregação dos Oblatos de São José, que ao ouvir-me falar sobre alguns aspectos importantes e até curiosos do nosso Fundador, incentivou-me para que disponibilizasse por escrito tudo o que sabia de dados históricos e curiosos de Dom Marelo. Acatei esse pedido e, ao debruçar-me sobre as fontes para encontrar todas as informações que achava interessante, deparei-me com a riqueza e a variedade de exemplos que Marelo e a Congregação por ele fundada nos proporcionam. O segundo foi que São José Marelo sendo canonizado pelo Papa João Paulo II em novembro de 2001, tornou-se um patrimônio de toda a Igreja e que, portanto precisa ser um santo para ser amado, venerado por todos os católicos, mas para isso ele precisa ser mais conhecido, principalmente, pela ampliada família josefina formada pelos Oblatos, pelas Oblatas, pelos formandos e formandas desta família religiosa e por todos os leigos e leigas josefinos.

Na verdade, existe um significativo número de livros e biografias de Marelo, contudo, quase todos estão em língua italiana, o que dificulta a leitura para os que não conhecem essa língua. Além do mais, praticamente todos os materiais a respeito deste nosso santo são extensos e abordam os assuntos com bastante amplificação o que, não raro, tornam-se pesados para aqueles que gostariam de conhecer a figura do nosso Santo de maneira mais satisfatória e sem a abordagem contida nas exigências de uma obra literária.

No decorrer da garimpagem destas pérolas contidas na vida de Dom Marelo e de sua Congregação, percebi que estas não podem ficar escondidas ou despercebidas para os que o amam e amam a sua Congregação. Pincelar esses detalhes preciosos serviu-me para reafirmar ainda mais a minha convicção do que ele mesmo usava afirmar: “é preciso que nos exaltemos nos grandes modelos e depois comecemos a agir”.

É fato incontestável a admiração que recebem das mais variadas categorias de pessoas os grandes Santos que abalaram o mundo com suas vidas e exemplos, o que indica que os valores por eles transmitidos continuam, apesar de tudo, atuais e válidos para o nosso mundo. Pois bem, a Igreja com a sua preciosa pedagogia não cessa de revelar continuamente novos modelos, que forjados na sua incomparável missão de fidelidade ao seu mestre, se apresentam como ícones de santidade. Um destes Santos é São José Marelo que apresentamos delineado nos enfoques de sua vida relativamente breve, mas intensa de sentido.

O meu desejo é que os exemplos de vida por ele vivenciados e aqui apresentados, numa maneira condensada, se tornem valorosos meios de edificação para você leitor, a fim de que os seus ensinamentos comprovem a verdade que o próprio ele ensinou ao dizer que “As obras dos Santos, que os séculos têm respeitado, foram sempre marcadas pelo selo da simplicidade”.

Apucarana, 12 de junho de 2009

30º Aniversário da Proclamação das Virtudes Heróicas

de São José Marelo pelo Papa Paulo VI

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ



José Marelo – seminarista menor, fotografia com o teólogo Paulo Elias, amigo de família em San Martino Alfieri.

1 - INFÂNCIA

01 - A família de Marelo era originária de San Martino Alfieri, uma localidade que contava no tempo do Fundador com aproximadamente 930 habitantes. Os avós de Marelo se chamavam Giovanni Giuseppe e Lucia Maria Barbero. Dos oito filhos que tiveram quatro morreram em seguida, o que indica o alto índice de mortalidade infantil, particularmente o tifo, a varíola, a icterícia, a disenteria e o cólera. Eram tempos difíceis, de modo especial no campo onde os soldados de Napoleão I causavam devastação e miséria. Excepcionalmente, no ano de 1817, as colheitas foram desastrosas devido as geadas e depois a longa seca de

verão, fato esse que levou Vincenzo Marelo, o filho mais velho e (pai de Giuseppe Marelo) deixar San Martino no ano de 1825, quando tinha 18 anos e ir buscar trabalho em Turim. A cidade de Turim naquela época tinha passado dos 80.000 habitantes para 127.000 habitantes devido ao afluxo de gente não apenas do Piemonte, mas de toda Itália que acorria para esta cidade em busca de condições de vida melhor, o que a tornava, por outro lado, um centro de miséria.

O2- Em Turim, Vincenzo Marelo começou trabalhar com a família Secco, comerciante de queijos bem sucedida. Casou-se entre os anos de 1837 a 1840, com Maria Maddalena Luigia, uma das filhas de Domenico Secco, esta morreu (seguramente de tifo) logo em seguida, no dia 17 de março de 1841. Passados dois anos da morte de sua esposa, Vincenzo se casou, no dia 26 de fevereiro de 1843, com Ana Maria Viale, a qual tinha a idade de quase 20 anos. Da união deles nasceu no dia 26 de dezembro de 1844 Giuseppe Marelo e no dia 27 de maio de 1847, Vittorio Marelo. Giuseppe foi batizado no mesmo dia, na igreja do Corpus Domini, de Turim, tomando o nome completo de Giuseppe (em homenagem ao avô paterno), Chiaffredo (em homenagem ao padrinho de batismo), Stefano (em homenagem ao santo do dia). Dois anos depois do nascimento de Vittorio, Ana Maria morreu no dia 5 de abril de 1848. Dela ficou a lembrança de uma sua fotografia estampada num quadro pintado a óleo representada com uma fisionomia dócil, simples e reflexiva. Esse quadro pertencia ao Fundador e hoje se encontra no museu histórico da Casa Mãe em Asti. Era uma mulher de piedade, com grandes virtudes e que muitos a chamaram de santa.

O3 - Com a morte de Ana Maria, a tia dos dois filhos de Vincenzo, Catarina Secco que tinha apenas 23 anos, assumiu o cuidado deles. Catarina será uma verdadeira mãe para ambos, mas casou-se em 1853, portanto cinco anos depois da morte de Ana Maria. Preocupado com a formação dos filhos, Vincenzo tomou a decisão de deixar Turim e voltar para San Martino Alfieri para dedicar-se mais aos dois filhos. Depois de 27 anos vividos em Turim e com os seus 45 anos, Vincenzo iniciara uma nova vida totalmente diferente daquela de Turim; era o início de 1852. Em San Martino Alfieri Giuseppe e Vittorio moraram com o pai, o avô, a avó e o tio Giovanni Battista. Seus avós continuaram com a boa educação que a tia Catarina tinha dado a ambos. Em San Martino, Vincenzo, como bom comerciante, se dedicara ao comércio de terrenos mais do que ao cultivo da terra.

O4 - Em San Martino, Marelo teve como seu pároco Pe. Giovanni Battista Torchio, o qual tinha iniciado o seu ministério sacerdotal nesta cidade, com 28 anos de idade e permanecera por 42 anos, ou seja, até a sua morte em outubro de 1890. Marelo adolescente em San Martino se distinguira pela aplicação nos estudos (em casa ficava quase sempre em seu quarto lendo livros), pelo exemplo de piedade (sempre presente nas missas de manhã), pelo seu amor pelos pobres (fazia de tudo para dar uma esmola ao pobre que pedia), pela sua índole calma (não brigava com os colegas e não perdia a calma) e pela sua obediência ao pai e aos avós (sempre dócil e obediente).

O5 - O adolescente Giuseppe Marelo estudará numa escola de San Martino, tendo como seu professor Pe. Silvestre Ponzio, que gostava muito dele, tanto é verdade que em um de seus cadernos Marelo escreveu: *"Jamais me esquecerei do amor e da bondade que o senhor me demonstrou e continua me demonstrando. Eu me lembro do senhor todos os dias com ternura e gostaria de poder provar-lhe com fatos o quanto eu me sinto grato e quão grande é o afeto que carrego e carregarei sempre pelo senhor"*.

O6 - Vivaz e inteligente, Marelo era ciente de suas capacidades, tanto é verdade que seu pai se orgulhava dele. Por isso se esforçava para não se ensoberbecer. Seu colega de escola,

Giovanni Bussolino, lembra que ele era muito obediente para com seu pai e avós e tinha um comportamento exemplar.

07 - O pároco de Marelo, Pe. Torchio, foi quem lhe deu a primeira comunhão em 1853 quando tinha 9 anos de idade. Dois anos depois, no dia 15 de agosto de 1855, a Festa de Nossa Senhora da Assunção, ele e mais 290 adolescentes receberam o sacramento da crisma das mãos de Dom Felipe Ártico. Preparado desde criança para a comunhão com Deus fazia uso de um livrinho que continha muitas orações sobre Jesus crucificado, sobre o Sagrado Coração e Nossa Senhora. Nesse livrinho que trazia consigo havia a máxima de Santa Teresa de Ávila que ele tanto apreciava: *"Nada te perturbe; nada te assuste: tudo passa; com a paciência tudo se vence. A quem teme a Deus nada falta; Deus só basta"*. Quando criança teve também em suas mãos uma *"Coleção de orações devotas"*, datada de 1851 em Alba. É interessante descobrir ali, entre outras coisas, uma linda invocação, transmitida posteriormente aos seus Oblatos: *"Bendita seja a santa e imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria"*. Outro livrinho de orações de seu tempo de criança era denominado *"Alimento dos fiéis ao assistir à santa Missa"*, datado de 1852, em Turim.

08 - Padre Torchio gostava de sua maturidade e de seus exemplos e por isso o escolheu como catequista para os menores. Tinha apenas 11 anos e já escrevia em seus cadernos suas lições de catecismo, como uma relatando o diálogo de um pequeno burguês, recém-laureado, que em nome da ciência negava Deus, e um menino do terceiro ano primário que lhe propunha um enigma: *"Se existiu antes o ovo ou a galinha"*, e constrange o jovem doutor a afirmar a existência de Deus justamente com base no princípio da causalidade.

09- Marelo apresentava-se com uma estatura alta e de cor branca, tinha seus cabelos pretos, o rosto redondo e os olhos azuis e vivazes. Tinha os lábios sempre tocados por um leve sorriso e voz muito melodiosa. Quanto a sua saúde sabemos que, por volta dos oito anos, por causa de sua sensibilidade ao ar insalubre de Turim, foi obrigado a mudar-se para os campos mais abertos de San Martino e aí se recuperou bem, todavia teve que cercar-se sempre de cuidados. Ele mesmo se definia um pote rachado que, com os devidos cuidados, poderia servir como um novo. Sofria de hemorróidas com freqüentes hemorragias, mas suportou esse incômodo sempre em silêncio.

10 - No final do ano letivo, por ocasião das férias escolares de 1856, Marelo recebeu de seu pai uma viagem à Savona como presente pelos ótimos resultados nos estudos. Era um ótimo presente, pois Savona era uma cidade turística embora não se chegasse até ela com o trem e por isso era preciso ir de Asti a Gênova de trem e dali até Savona de diligência, com freqüentes trocas de cavalos. Essa viagem ficaria marcada na alma do adolescente Marelo, pois dentre tantas novidades para ele era a primeira vez que contemplava o mar, ocasionando-lhe uma imagem que levava consigo a ponto dele próprio desenhar no seu brasão episcopal um mar agitado com o monograma MA e com a frase *"Iter para tutum"*. Em Savona visitou o Santuário de Nossa Senhora da Misericórdia.

11 - Era possuidor de grande habilidade nas matérias literárias, particularmente no latim, o qual traduzia e escrevia com precisão. Sua inteligência era notável, tanto é verdade que venceu para um seu amigo um concurso literário redigindo sobre Vittorio Alfieri. Sua humildade não permitiu que ninguém viesse saber que foi ele quem tinha feito aquela composição.

12 - Nas ciências exatas era melhor ainda e, quando saiu do seminário de Asti, exercera em Turim, por aproximadamente um ano e meio a profissão de projetista.

13 - Durante o tempo em que esteve em Turim, depois de sua crise vocacional, desenhou uma estrada para fazer um desvio entre as localidades de Govone e São Martinho Alfieri.

14 - No seminário Marelo era o desenhista da capa de um jornalzinho editado pelos seminaristas dentro do próprio seminário.

15 - Virtude admirável era o seu coração sensível às necessidades dos pobres e marginalizados. Essa é comprovada quando certa vez o menino Marelo viu um velho mendigo sendo ridicularizado pelos seus colegas e tomou energicamente a defesa deste pobre velho. Consolou-o e o conduziu até a sua casa e deu-lhe comida e roupas. Seu amor pelos pobres é ainda comprovado com um trecho escrito por ele em seu caderno que diz: *"Eu conheço um menino, um bom menino, que todo sábado leva seu vinho para um velho doente, e, nos dias festivos, separa para ele aquilo que tem um pouco a mais na mesa. Conheço outro que no lugar de muita coisa no café da manhã pede à sua mãe uma moedinha por dia e assim no domingo, com aquela poupança de uma semana, um velhinho pode ter um pouco de carne em sua mesa"*. Quem o conheceu sabe que ele era tão caridoso para com os pobres que, às vezes, para socorrê-los, privava-se do seu café da manhã. Portanto o menino a que ele se referia no caderno era real, não fictício, era ele mesmo. Pe. Giovanni Battista Cortona lembra a sua caridade para com os pobres era tão manifestada que às vezes os ajudava, privando-se também de seu café da manhã. Por isso, aquele menino relatado em seu caderno queria indicar que realmente era ele.



José Marelo – fotografia com seus amigos no castelo de San Marino. Olhando da esquerda: Estevão Delaude, José Riccio, José Marelo, o teólogo Paulo Elias, Estevão Rossetti e Egidio Motta.

2- NO SEMINÁRIO

16 - No dia 31 de outubro de 1856, Marelo entrava no seminário de Asti com a determinação de ser padre. No dia 9 de novembro do mesmo ano, recebeu a veste religiosa e iniciava os estudos juntamente com outros 25 seminaristas, tendo como assistente Giovanni Boeri, como reitor do seminário o cônego Guilherme Odetti de 92 anos de idade, esse como já era idoso tinha o vice-reitor, o cônego Carlo Vassallo. Os seus amigos de classe eram particularmente Stefano Delaude, Giuseppe Riccio, Giuseppe Fagnano, Tiago Gay.

17 - Desde a renúncia do bispo, Dom Ártico, estava como Vigário Capitular Pe. Vitaliano Sossi, o qual recebeu de padre Bosco que, conhecendo as dificuldades de Asti, lhe escreveu propondo o seu Oratório de Valdocco, em Turim, como lugar de formação para os seus seminaristas. Por isso, em outubro de 1860, 20 seminaristas de Asti foram prosseguir seus estudos no Oratório de Valdocco, guiados por padre Bosco. Dentre estes estavam os amigos de Marelo, mas ele não estava com eles, ficou com uma família em Asti e freqüentava o curso de filosofia no bispado. Naquele ano ele iniciou o primeiro ano de filosofia em Asti, tinha 17 anos. Durante este período elaborou uma dissertação escolar em latim perfeito sobre *“Concordância que deve haver entre razão e a Revelação”*, demonstrando conhecer os pensadores céticos, os fideistas e os racionalistas como Kant, Fichte, Hegel, etc.

18 - No mês de março de 1859, o seminário de Asti foi ocupado por militares do décimo primeiro regimento de infantaria e, em maio do mesmo ano, este foi transformado em hospital militar, obrigando os seminaristas a se retirarem dele, mas Marelo conseguiu um lugar numa família de Asti e não voltou para casa.

19 - O seminário ficara ocupado pelos militares até o ano de 1865 e durante esse período Marelo viveu sem comunidade, acompanhou a renúncia do bispo de Asti, a morte do reitor do seminário, Pe. Odetti, etc. Isso lhe trouxe um arrefecimento no seu entusiasmo. A prova do seu desânimo é que o seu pároco, Pe. Torchio ao enviar ao reitor do seminário, no dia 24 de outubro de 1859 um relatório sobre ele enquanto passava suas férias em San Martino dissera: *“... devendo referir, segundo a minha consciência, sobre o comportamento de Marelo, dói-me na verdade por não poder elogiá-lo muito ao senhor. Achei-o assíduo até certo ponto às funções paroquiais, raramente o vi receber os sacramentos...”*.

20 - A causa da saída de Marelo do seminário foi sem dúvida a ocupação deste pelo 11º Regimento de Infantaria, por causa da II Guerra Mundial, fato este que obrigou todos os seminaristas a deixá-lo e, com isso, Marelo passou a ter aulas numa sala da diocese morando junto a uma família. Não é possível saber com precisão em que família ele passou a residir por mais de três anos, provavelmente, foi numa propriedade da diocese, na Avenida Giobert N. 11, a qual era alugada para algumas famílias. Esses anos em que passou fora do seminário contribuíram para esfriar o seu fervor. A comprovar isso temos o relatório de suas férias enviado pelo seu pároco, Pe. Torchio, em data de 24 de outubro de 1859. Nesse, o pároco dizia que não tinha nada para reprová-lo em matéria de moral, todavia dizia que até então não tinha tido a consolação de admirar nele o amor pela Igreja e a diligência na observância da regras que manifestavam o bom exemplo ao povo. Salienta também que tinha visto pouca assiduidade dele aos sacramentos.

21 - Durante os anos de 1859 a 1861, em que ficou morando fora do seminário, mas estudando nele, freqüentou o primeiro ano de retórica que correspondia ao primeiro ano do

ensino médio e outros dois anos de filosofia, uma matéria de que gostava muito, inclusive traduzindo do latim para o italiano grandes autores como Cícero e Horácio. De fato, o cônego Carlo Vassallo, Vigário Geral, dissera dele, então seu chanceler, que redigira os documentos da Cúria “*currente calamo*”, sem necessidade de alguma correção. Nesse período se pode notar em Marelo certo eclipsar ou resfriamento dos valores do espírito e a tendência a novos interesses, agitados pelas suas excelentes capacidades. É comum encontrar em seus cadernos interpolações pessoais de outros gêneros, como frases em italiano cheias de retórica ou com certas exaltações de si, como a que escreveu, mas depois a cancelou, sobre a capa do seu caderno do ano de 1860: “*Non se resolverão os problemas da Itália, sem a interferência do sábio José Marelo*”(Non si tratterà gli affari dell'Italia se non si frammischia il saggio Marelo G)”. Aqui e ali sobre seus cadernos ou até sobre a primeira página de um livro de oração, aparecem desenhos estilizados onde se pode identificar o rosto de Vittorio Emanuele II, ou mais freqüente de Garibaldi, herói que exercia muito fascínio sobre os jovens daquela época.

22 - Por causa da ocupação do seminário pelos soldados, os seminaristas de Asti durante o ano escolar de 1860-1861 foram enviados para estudos ao Oratório São Francisco de Sales de Dom Bosco, em Turim, devido situação incômoda de que estes estavam espalhados pela cidade, mas Marelo, como afirmamos não foi para Turim e uma das razões transmitida pelo seu próprio professor, Pe. Giovanni Battista Francesia, é que o pai de Marelo não o deixou ir, como foram seus colegas e por isso permaneceu em Asti freqüentando a filosofia no seminário e morando junto a uma família. Neste novo estilo de vida continuava com suas notas ótimas, mas manifestava um lento declínio espiritual, até que no final do ano escolar de 1861-1862 decidiu abandonar o seminário.

23 - Em Turim Marelo encontrou a presença forte da maçonaria e um ambiente de ceticismo que somavam aos seus sonhos de um futuro na sociedade, fato esse que o fizera “*Saltar o Rubicão*”. Ali na nova realidade sentira as emoções dos meetings das lojas maçônicas e das amizades políticas. Ali, escreverá ele no ano de 1866: “*cessando de ser para Deus começou a viver por um ídolo de carne e depois por um ídolo bem mais ciumento e exigente: a ambição*”. Não desejava outra coisa que o “*Apostolado humanitário*”. Tinha em mente um propósito a alcançar a começar com o jornalismo, depois à tribuna popular, depois ao proselitismo doutrinário e por fim ao proselitismo prático com o início de um novo sistema de economia social. O aceno que fez sobre um ídolo de carne, conforme o testemunho de Pe. Pietro Peloso, seu secretário, que ao fazer os espólios das suas cartas (depois da morte) encontrou um recorte de teor juvenil em forma de poesia, escrito quando se encontrava em Turim, depois de sua saída do seminário. Era uma poesia que não tinha nada de imoral, mas dava a impressão de um apego a uma moça. O próprio Marelo escreverá (carta n.10) ao seu amigo Delaude, no ano de 1866 que era preciso combater um grande inimigo da sociedade daquele tempo: o “*demônio da concupiscência*”. Dissera ao seu amigo: “*caro amigo, sei que coisa eu vi com os meus olhos e posso te dizer, por uma experiência dolorosa*”.

24 - Morando juntamente com seu pai Vincenzo, Marelo estudava numa escola técnica, em Turim, cursando a formação agrimensor. Essa sua opção de estudo indica que não estava por fora das solicitações daquele tempo em que se sentia muita necessidade de preparar técnicos para a era industrial. Ao mesmo tempo demonstra que brilhante era na literatura italiana e latina, Marelo tinha também propensão para a matemática e para o desenho. Admirado com sua capacidade neste campo o engenheiro Luigi Bechis conhecedor ao mesmo tempo das suas potencialidades, propôs-lhe para ser seu sócio e de fato até chegou, enquanto trabalhava

com ele, a desenhar um mapa da estrada que devia coligar San Martino com San Damiano d'Asti, encurtando a estrada.

25 - Em Turim, Marelo fora do seminário, não se encontrava tranqüilo justamente porque estava no meio de tanta corrupção e do desvirtuamento da grande maioria dos jovens, contudo mantinha uma vida exemplar, tanto que o engenheiro Bechis que bem o conhecia lhe teria dito que não era feito para o mundo, mas para ser padre. Na verdade, ele não estava contente e Bechis que tinha entendido a razão de sua tristeza o aconselhava a voltar para o seminário. Juntamente com esses agravantes, veio-lhe facilitar a volta ao seminário a sua doença, quando aos 19 anos, em dezembro de 1863, foi acometido de tifo, doença que naquela época era praticamente impossível de ser curada.

26 - Na metade de 1862, por ocasião da inauguração, em Asti, de um monumento ao poeta Vittorio Alfieri, foi promovido na cidade um concurso literário entre os estudantes e deste Marelo participou, desenvolvendo um tema sobre este grande poeta italiano em nome de um seu colega ex-seminarista o qual apresentado em nome deste jovem venceu o primeiro lugar. Toda a glória foi para esse seu amigo que além de mostrar a dimensão da capacidade literária de Marelo, mostrou também a sua modéstia e a sua bondade.

27- Quais foram as razões que levaram Marelo deixar o seminário? Foi um conjunto de situações, particularmente o seu esfriamento na piedade, a exaltação da retórica quando em contato com os clássicos, com os novos pregadores políticos e humanitários, a sua inteligência aberta a novos interesses, a tendência pessoal para se sobressair sobre os colegas, a certa presença dominante de seu pai, o descontentamento e a desconfiança diante de alguns acontecimentos que se observava por parte do clero secular. É preciso notar que a sua crise começou com o início da Guerra quando cessou o esquema de vida de seminário e, assim, passou-se a diminuir a oração e ao mesmo tempo o contato com o mundo exterior se tornou mais intenso. Padre Giovanni Battista Cortona afirma que Marelo deixou o seminário por vontade do seu pai que o queria encaminhado para o estudo secular. Contudo, seu irmão, Vittorio afirmou que o pai preferia que Marelo tomasse outra carreira, mas jamais lhe fez pressão e nem o mesmo o contradisse. Na verdade, o desejo de seu pai foi uma das razões, mas não aquela determinante.

28 - Os colegas de Marelo relatam que ele não praticava muito o esporte, mas gostava muito do jogo conhecido como bola elástica, um jogo muito comum na sua região do Piemonte, mas mesmo quando bispo não dispensava um bom jogo de bochas.

29 - Um detalhe importante na vida de Marelo era a sua memória prodigiosa, pois bastava que ele visse a pessoa uma vez e não mais se esquecia dela.

30 - Marelo gostava de contar anedotas em suas conversas. Lembremos uma delas: "*Dois caipiras vão à missa solene, por volta do meio-dia, e ao perceber que o padre ainda estava no seu longo sermão, decidem ir ao boteco mais próximo e lá, conversa vai, conversa vem, depois de uma boas doses de pinga os dois se lembraram da missa, mas quando chegaram à igreja ouviram o toque da campainha para a bênção do Santíssimo, então um olha para o outro e diz: 'Viu, estamos ainda no Santo'*".

31 - Desde criança tinha uma sensibilidade grande pelos mais necessitados; de fato, o seu irmão Vittorio conta que ele frequentemente provava apenas do café da manhã para dar aos mais necessitados. Sendo muito bondoso, era também generoso em matéria de dinheiro para ajudar seus colegas dentro do seminário. Seu pai docilmente lamentava-se quando todas as

quartas-feiras ia visitá-lo no seminário de Asti e o deixava com os bolsos vazios e lhe dizia: *"Zezinho, você me esvazia sempre os bolsos"*. Não era somente com dinheiro que socorria os companheiros, mas também com roupas de cama.

32 - Os colegas de escola de Marelo foram unânimes em afirmar que ele era brilhante nos estudos e isso também era motivo de orgulho para seu pai. Dois de seus colegas Bussolino e Solaro atestam que ele tinha somente dez anos e grande capacidade intelectual, superior a deles. Este seu brilhantismo nos estudos ele o demonstrara nos anos seguintes, tanto que ele próprio deveria se cuidar para não cair na falta de humildade. De fato, ele advertiu esse perigo quando escreveu em seu caderno as seguintes palavras: *"Uma lamparina cheia de óleo iluminava, e era soberba, mas pela sua luz que quase parecia ser mais viva que a luz do sol, veio um vento e a apagou. A fábula admoesta os meninos e as meninas que se ensoberbecem da própria beleza"*.

33 - Por possuir uma inteligência brilhante, Marelo era exemplar e muito capacitado nos estudos. Lia e estudava os autores latinos, como Cícero e Horácio e fazia traduções excelentes da língua latina. Suas notas do final do ano escolar de 1860 foram ótimas e do latim ao italiano variaram entre oito e dez. Aos 16 anos poderia se dizer que Marelo era um bom latinista e um cultivador do falar bonito, atento a tudo o que acontecia na Itália naqueles anos. Em diversas páginas de seus cadernos ele escrevia pensamentos citando Alfieri, Filicaia e outros pensadores. Era ciente de sua inteligência, tanto é verdade que em uma das páginas de um de seus cadernos escreveu uma frase exaltando suas capacidades mas depois, certamente, pela sua humildade se encarregou de rabiscá-la.

34 - Seu irmão, Vittorio Marelo casou-se com a primeira mulher chamada Luisa a qual morreu logo em seguida, em 1892 sem deixar-lhe filhos. Foi prefeito de San Martino Alfieri pela primeira vez aos 30 anos de idade, sendo reeleito por 40 anos seguidos e depois prefeito honorário até a morte. Recebeu o título de Cavaleiro honorífico e foi declarado o prefeito da Itália mais idoso na função. Sua fotografia está exposta na sala principal da prefeitura de San Martino Alfieri com as palavras: *"Marelo Cav. Vittorio que por um cinqüentenário de anos foi prefeito de San Martino Alfieri. A Prefeitura"*. Marelo tinha um bom relacionamento com o irmão e não deixava de dar-lhe conselhos como os que se encontram numa carta escrita a ele no ano de 1876 (carta N. 91bis). Nesta, pedia-lhe para que quando fosse a Turim que não deixasse de visitar o Santuário de Nossa Senhora da Consolação e que rezasse por todos. Sua filha, Josefina, declara que seu pai ia frequentemente a Turim com ela e as outras duas suas irmãs e que com os parentes ia à missa na igreja de São Lourenço, na Catedral ou no Santuário de Nossa Senhora da Consolação e sempre fazia uma visita à igreja de Corpus Domini, igreja em que ele e Marelo foram batizados. Portanto, Vittorio era um homem religioso e honesto.

35 - Dos livros que influenciaram a formação espiritual e cultural de Marelo conhecemos apenas alguns, porque muitos desses foram perdidos, mas se destacaram, quando ele ainda era criança, a *"Coleção de Orações Devotas"*, datada de 1851. Outro, datado de 1852, foi um livrinho de oração que tinha o título *"Alimento dos fieis ao assistir à Santa Missa"*. É interessante que nas páginas brancas iniciais deste livro Marelo caricaturou Vittorio Emanuele II e Giuseppe Garibaldi com seus grandes bigodes, indicando desta forma os novos interesses que iam amadurecendo nele no tempo das conquistas de Garibaldi.

36 - No tempo em que estudava teologia utilizava e carregava um Novo Testamento de bolso no qual procurava alguns versículos para meditar todos os dias.

37 - Sendo um apaixonado por literatura, fez parte do repertório de suas leituras de férias os livros “*O Telêmaco*” de Fenelon; “*Os mártires do Cristianismo*” de Chateaubriand; os “*Sermões*” de Massillon; “*Os Pensamentos*” de Pascal; “*Os Noivos*” de Alexandre Manzoni; as “*Confissões*” de Santo Agostinho, a “*Vida de Santa Maria Alacoque*”, os livros de Gioberti e dos de Balbo.

38 - Durante os anos de seu presbiterado e de seu episcopado fizeram parte de suas leituras a “*Summa Theologica*” de Santo Tomás de Aquino; a “*Filotéia*”, os “*Colóquios Espirituais*” de São Francisco de Sales; a “*Regra*” de São Bento; as “*Homilias*” de São Giovanni Crisóstomo; o “*Maná da Alma*” de Segneri; “*O Combate Espiritual*” de Sculpi; “*O Grande meio da Oração*” e “*Prática de Amar Jesus Cristo*” de Santo Afonso; as “*Máximas Espirituais*” de Rosmini; as “*Conferências de Notre Dame*” de Lacordaire; as “*Conferências Espirituais*” de padre Faber; o “*Tratado da Verdadeira Devoção*” de Montfort; a “*Vida de São Jerônimo*” de Bougaud; a “*Vida de São Carlos*” de Sylvain; o “*Dicionário Histórico*” de Moroni; a “*Imitação de Cristo*”, livro que carregava consigo e que foi encontrado no seu leito de morte com o marca-páginas assinalando o capítulo “*De gloria coelesti*”. Fizeram parte de suas leituras também as Obras de Santa Tereza e de São Giovanni da Cruz.

39 - Em novembro de 1865, o seminário diocesano onde Marelo tinha iniciado os seus estudos foi restituído, depois de seis anos de ocupação pelos soldados da guerra, à diocese. Esse acontecimento foi uma ocasião propícia para Marelo fazer a sua recuperação espiritual depois da experiência em Turim. Foi para ele um período fecundo em que se amadureceram muitas coisas boas em sua vida. Eram as aulas, a disciplina do seminário, as orações. Nos estudos ele se despontava entre os seus colegas, porém, jamais fazia pompa disso. Era muito estimado pelos colegas e tido como um dos melhores companheiros. Tudo isso ele conquistou também com um programa ascético e de interioridade.

40 - Quando clérigo, Marelo, em data de 15 de novembro de 1866, escreveu para si aquilo que denominou de “*Norma Agendorum*”, ou seja, propósitos para serem cumpridos todos os dias. Estes se resumiam na participação diária da missa, na meditação, na atenção às orações, na leitura de textos da bíblia, no recolhimento, na atenção à leitura na hora do almoço, na reza do rosário, não combate à soberba, na oração antes de dormir, no exame de consciência, no afastamento dos maus pensamentos, etc. Em janeiro de 1867, assumira o empenho com normas mais concretas de comportamento e que ele denominará de “*Regra de Vida*”, com a qual se empenharia em observá-la, tendo a oração como o meio seguro de perfeição e o fundamento de todas as atividades. Por isso, de manhã, o primeiro pensamento que propunha era dirigido a Deus. Depois, um rigoroso silêncio na igreja, empenho nos estudos; exercício da temperança à mesa e às vezes mortificação. Antes de dormir fazer exame rigoroso de consciência (cada dia consagrar cinco minutos para examinar o *profectum* e o *proficiendum*, ou seja, o progresso feito no dia e aquele ainda a ser feito), a reza do Miserere de joelhos, a invocação à Virgem para obter pureza de afetos e a invocação aos anjos e santos.

41 - Seu programa espiritual a ser desenvolvido, contemplava o propósito de colocar como luz para a sua vida a Palavra de Deus. Escrevia ele no dia 21 de janeiro de 1868: “*Antes de dormir quatro versículos do ‘Testamentino’ (Novo Testamento de bolso) para ruminar*”. Esse livreto se encontra no museu da Congregação dos Oblatos de São José em Asti. Na página de rosto deste, encontra-se a assinatura dele quando ainda menino.

42 - A leitura da vida dos santos também foi um meio muito eficaz para Marelo. Aconselhara ele ao seu amigo Delaude, no ano de 1866, (Crf Carta N. 10) para se exaltar nos grandes modelos e disera a si mesmo a célebre frase de Santo Agostinho: “*Se estes*

conseguiram por que então também eu não?”(Cfr Carta N. 9). Depois de ter lido a vida de Santa Margarida Maria Alacoque dirá a si mesmo: *“...minha mente será sempre voltada para Vós... - Nunc coepi – agora começo meu Deus, minha mãe, meu protetor São José... Agora começo, eu abandonarei o costume da minha prevaricação. Agora começo. Eu me encaminharei pela estrada do céu, seguindo as inspirações que Vós me fareis resplandecer lá de cima...”*. O jovem Marelo tinha 23 anos quando escreveu esse propósito.

43 - Sempre estudioso, ele demonstrara o seu amor pelos estudos ao escrever ao seu amigo Rossetti, no final do ano de 1866, (Cfr Carta N. 4) na qual afirmava que tinha recolhido no decorrer dos últimos três anos um bom material e com este estava examinando as chagas da sociedade a fim de elaborar um livro. Seria uma obra de caráter prevalentemente ético-social, mas tomado depois por outros afazeres nunca pôde realizá-lo. Além disso, pode ter existido uma outra razão para Marelo não prosseguir no seu intento de elaborar um livro: trata-se da figura de Vincenzo Gioberti, escritor e sacerdote de Turim, do qual Marelo meditou bastante os seus escritos que lhe indicavam a falta da prudência e da humildade. De fato, Cavour ao visitá-lo em Paris, antes de sua morte, disse a seu respeito: *“Gioberti est toujours un grand enfant de génie. Ce serait un grand homme, s’il avait le sens commun”*.

44 - Marelo passara viver a sua nova fase no seminário, depois de sua experiência de Turim, nos anos de 1864 e 1865, precedida de seus sonhos humanitários em 1861, chegava em 1866 na fase que ele denominou de *“metamorfose de realização”* (Cfr Carta n. 9). Passava assim do desejo do *“Apostolado humanitário”*, embasado no positivismo presente na Itália, ao *“Apostolado católico”*. Era a sua grande virada. Nessa sua nova decisão, foram-lhe de grande ajuda a leitura dos grandes pensadores cristãos. Escritores como Blaise Pascal, morto em 1662; *“Estou ruminando os Pensamentos de Pascal”*, escrevia ele ao seu amigo Rossetti; Chateaubriand François René; Na mesma carta a Rossetti acrescentava: *“Li também Os mártires do Cristianismo de Chateaubriand”*; Auguste, morto em 1848; Alessandro Manzoni, morto em 1873 e Cesare Balbo, morto em 1853. Para ele, a sua nova concepção dos valores o conduzia para apreciar outros valores, por isso dissera que *“as grandes inteligências de nada valem, pois são os grandes caracteres que abalam o mundo”* (Cfr Carta N. 10).

45 - No dia 9 de fevereiro de 1864, depois de sua experiência fora do seminário, morando e estudando em Turim, Marelo foi acolhido pelos superiores e colegas no seminário e iniciava juntamente com outros 15 colegas, iniciando o primeiro ano de teologia; tinha 20 anos de idade. O vigário geral, Pe. Sossi ao saber que Marelo tinha pedido para voltar ao seminário disse: *“Para Marelo escancaramos as portas e o portão”*.

46 - No ano de 1867 Marelo foi encarregado pelos superiores para ser o assistente dos clérigos estudantes de teologia juntamente com Egídio Motta. Para que essa responsabilidade lhe fosse dada ele deveria ser exemplo para os companheiros e o era, tanto é verdade que por ocasião de um retiro espiritual pregado aos seminaristas, Francisco Dassano, ao falar dessa virtude, incentivava a todos a adquiri-la a fim de que fossem capazes de cumprir no futuro algum encargo na Igreja, e para encorajá-los acrescentou-lhes: *“Quem sabe se sobre a cabeça de algum de vocês não vão colocar uma mitra”*, e todos imediatamente se voltaram para Marelo, prova de que era responsável.

47 - No dia 14 de janeiro de 1868, por ocasião da festa de Santo Hilário, patrono do seminário de Asti, Marelo foi encarregado de tecer o panegírico na capela dedicada ao santo. Suas palavras foram tão acertadas que Pe. Giovanni Goria relata que foram palavras eruditas, cheias de piedade e de incitação ao apostolado que mereceram a admiração de todos os presentes.



ASTI – Instituto Millivacca, no qual São José Marelo foi diretor espiritual do ano 1881 a 1889.

3- SACERDOTE

48 - Com 35 anos de idade Marelo embora apresentasse uma saúde frágil, era muito fiel ao princípio “*age quod agis*”. Acumulava os encargos de secretário do bispo desde 1868, de Fundador da Congregação desde 1878, de cônego da Catedral desde 1879, de confessor do seminário de Asti a partir de 1880, de encarregado diocesano da boa imprensa e da doutrina cristã desde sua ordenação sacerdotal, de diretor diocesano da Associação da Doutrina Cristã, a partir de 1880 e, enfim, de confessor na Catedral e em diversos Institutos na cidade. Portanto, embora com pouca saúde empenhava-se constantemente em diversas atividades sem contar que aquela de secretário de Dom Sávio era-lhe muito empenhativa devido a idade e aos problemas de saúde do bispo. Além do mais, Dom Sávio desde o início de 1880 até a sua morte, tinha Marelo como seu confessor. Por todas essas atividades ele merecia a estima do povo de Asti que bem logo lhe deu o título honorífico de “*el canonic brâv*” (o cônego bom).

49 - O cônego Cerutti tinha grande estima pelo Marelo e não tinha receio de indicá-lo publicamente como um santo; “*viram aquele santo?*”, perguntava aos meninos do Michelerio.

50 - Como secretário de Dom Savio Marelo devia redigir muitas Atas oficiais da Cúria e o que as pessoas admiravam ao lê-las é que eram redigidas sem rasuras “*currenti calamo*”, com uma caligrafia muito bonita e clara sendo que, muitas vezes, eram escritas num latim elegante e solto.

51 - Seu bom coração cultivado desde criança, afável e muito sensível aos pobres, continuara tendo as mesmas qualidades quando sacerdote e bispo e isso o fazia se apresentar sempre com os cabelos mal cortados, de tal modo pareciam a escadaria da Catedral de San Giovanni

em Turim. A razão disso é porque ele fazia questão de cortar seus cabelos com um velho barbeiro, meio cego e praticamente abandonado pelos seus clientes. Ao cortar os cabelos com ele, tinha a possibilidade não apenas de ajudar esse pobre homem, mas também de valorizá-lo.

52 - Em 1885, Marelo passou a se hospedar em Sana Chiara, onde alguns dos seus Oblatos já residiam desde o ano anterior. Nessa sua nova moradia ele tinha um quarto muito simples, apenas uma pequena mesa, alguns livros, um crucifixo e um colchão de folhas.

53 - Quando sacerdote, após um dia trabalhoso, preenchido de várias atividades, tinha disposição para ficar até altas horas da noite rezando ajoelhado no chão frio.

54 - Um dos exercícios do ministério sacerdotal de Marelo como secretário de seu bispo, Dom Carlos Sávio, foi o atendimento às confissões e da direção espiritual. Giuseppe Gamba, futuro cardeal, o teve como seu confessor desde quando entrou no seminário. Ele testemunha que Marelo confessava no seminário de Asti e na Catedral e que muitas pessoas queriam confessar-se com ele, inclusive muitos sacerdotes. No seminário Marelo era aquele que tinha maior número de seminaristas para atender na confissão e na direção espiritual. O mesmo testemunho deu também Pe. Secondo Gay que o conheceu desde 1871 e que também o teve como seu confessor. Para ele Marelo era um mestre de santidade e de perfeição sendo que iam se confessar com ele os penitentes mais escrupulosos, às vezes aflitos, e sempre encontravam consolação. Pe. Gay foi por mais de 40 anos pároco da paróquia de São Silvestre em Asti e ali escreveu um livro intitulado *“Vida de Jesus Cristo contendo todo o Evangelho, o Martiriológico e o Catecismo”*. Dedicou esse livro ao seu antigo confessor com essas palavras: *“Ao venerável Servo de Deus, Dom Giuseppe Marelo, bispo de Acqui, então secretário do piíssimo Dom Carlos Sávio, bispo de Asti – fundador da Congregação dos Josefinos de Asti, diretor espiritual do compilador da presente vida, mestre de religião dos clérigos de Asti, para perene lembranças das sábias e ascéticas lições. Oferece o mínimo sacerdote Secondo Gay”* Embaixo dessa dedicatória escrevia esta lembrança: *“Regra de conduta para viver bem o ano, sugerida aos penitentes por Dom Giuseppe Marelo: Age quod agis, ou seja, ‘faça bem o que estás fazendo’”*.

55 - O primeiro indício do ideal religioso que despontou na vida de Marelo emergiu nos primeiros dias do seu sacerdócio quando escreveu: *“No dia de São Maurício prometo, perante Deus, de afastar-me das coisas deste mundo”*. Era o dia 23 de setembro de 1868, três dias após a sua ordenação sacerdotal, na festa do padroeiro de Turim, São Maurício. O seu primeiro aceno de vocação ao estado religioso o encontramos numa sua carta de 3 de fevereiro de 1869, na qual ele responde ao Pe. Delaude que lhe havia exposto a intenção de se tornar sacerdote do Oratório de São Felipe. Nesta, ele diz: *“... confesso-lhe com toda a confiança que a sua amizade inspira, sinto que a minha vocação não está determinada e percebo que no meu coração vai se formando um círculo de afetos e na cabeça uma seqüência de idéias, a que poderiam dar consistência à viagem e à permanência em Roma”* (Carta N°52). Exatamente nesse ano o Papa Pio IX convidava os Trapistas para abrirem um mosteiro em Roma, na localidade Tre Fontane. Marelo olhava para aquele mosteiro trapista e, quando viajou para Roma, foi visitá-lo enquanto rezava para entender a vontade de Deus.

56 - No ano de 1870, Marelo visitou a Trapa de *Tre Fontane* em Roma, e mais tarde visitou também o mosteiro de *Montecassino*. No ano de 1872 encontramos Marelo ajoelhado no coro da igreja da cartuxa de Pavia. Esse seu amor à Trapa se transformará depois para ele em espírito de recolhimento e de oração. Passara a sentir uma atração para a vida contemplativa, tanto é verdade que no ano de 1874 se aconselhou com seu bispo, Dom Carlos Sávio, sobre sua intenção em se tornar contemplativo, mas o bispo o desaconselhou, pediu para rezar,

dizendo-lhe que lhe parecia que Deus queria outra coisa dele. Em 1876, novamente se aconselhou com seu bispo e novamente foi dissuadido de sua idéia pelo bispo, o qual lhe disse: *"Continue rezando e quando for o tempo o Senhor lhe iluminará"*. Por trás desta sua idéia pode-se pensar que tinha a vontade de que a vida religiosa florescesse na cidade de Asti e na diocese; de fato, em 1876 escreveu: *"Monasteria nulla remanet in tota Diocesi, tum virorum tum mulierum, si excipias parvum collegium Barnabitarum Ecclesiae Parochialis S. Martini – Não permanece nenhum mosteiro em toda a diocese, seja masculino seja feminino, exceto o pequeno grupo de Barbabitas na paróquia de San Martino"*. O desejo de Marelo de se tornar trapista não se concretizou, pois como afirmou Pe. Carandino, um dos primeiros membros da Congregação dos Oblatos de São José: *"O dedo de Deus segurou Marelo para não entrar nos trapistas visto que ele devia fundar uma Congregação"*.

57 - Como secretário Marelo era o braço direito de Dom Sávio o qual lhe confiava tarefas bastante exigentes como aparece do seu epistolário. As cartas do bispo enviadas ao clero e à diocese traziam a contra-senha de: *"Sac. G. Marelo"*. Da mesma maneira os relatórios trienais enviados à Santa Sé, os quais além de serem manuscritos por ele, traziam as marcas do seu belo estilo latino, como por exemplo, no relatório em que expunha a falta de clero na diocese usando esta expressão: *"Tanta est Sacerdotum penúria tristibus hisce temporibus"*. Sobre os seminaristas escreveu: *"Cum seminarii aedes proxima sit episcopio et diebus festis juniores in religione ipse edoceam, visitatio quase continua a me fit... Omnes autem clerici sive proveciores sive juniores tum in studii diligentia tum pietate sunt commendandi et spem probabilem ingerunt utiles Ecclesiae ministros aliquando evasuros esse"*.

58 - No dia 17 de maio de 1873, morria aos 66 anos, Vincenzo Marelo, pai de Giuseppe Marelo. Deixava seus bens móveis e imóveis aos seus dois filhos. No dia 6 de julho do mesmo ano, Marelo fazia o seu primeiro testamento deixando todos os bens patrimoniais que lhe cabiam ao seu irmão Vittorio. Esse seu testamento, ele o iniciava com as seguintes palavras: *"... Eu, abaixo assinado, pobre pecador, considerando que a cada momento estou às portas da eternidade e que é preciso cada dia estar preparado para a morte..."*. Nessas palavras ele faz uma profunda confissão de humildade e de fé. Seu testamento exprimia um completo desapego de todos os bens para poder viver voluntariamente a pobreza. Quando seu pai era vivo, ele pedia-lhe para dar aos outros, quando morreu o pai, deixou tudo e não só não pedia, mas se declarava pronto da dar tudo o que tinha.

59 - Depois de ter acompanhado o seu bispo, Dom Sávio à Roma, por ocasião da realização do Concílio Vaticano I, em 1870, Marelo voltara novamente à Roma, em setembro de 1875, por ocasião da celebração do Ano Santo promulgado por Pio IX. Aproveitando do jubileu para adquirir as indulgências, permaneceu por 8 dias em companhia de seu amigo Rossetti. Em Roma teve a possibilidade de participar da audiência com o Papa e recebeu a sua bênção apostólica; celebrou no túmulo de São Pedro e nas Grutas Vaticanas, na igreja de São Luiz e na igreja de Santo Inácio. Visitou as catacumbas de São Sebastião e rezou diante das relíquias de São Felipe Néri.

60 - Marelo possuía uma calma imperturbável e a prova é que na quarta-feira de cinzas de 1887, enquanto celebrava a missa de manhã com a igreja de Santa Chiara lotada, de repente sentiu-se um forte tremor de terra e ele calmo e sereno com a âmbula nas mãos pedia calma para todos os presentes. Suas palavras nasciam de seu coração. Desarmava as pessoas com a amabilidade de suas palavras e o sorriso de seus lábios. Era de tal modo pouco preocupado consigo que Dom Sávio se divertia em dizer-lhe que tinha os cabelos tão mal cortados que pareciam a escadaria da Catedral de San Giovanni de Turim, mas ele se desculpava dizendo

que ia cortar os cabelos com um barbeiro já idoso e quase cego, para poder ajudar-lhe dado que este não tinha mais quase nenhum freguês. Seus sapatos eram acalcanhados e com o bico quadrado, e alguém lhe dizia que eram fora de moda mas ele respondia que voltariam à moda. Além de comer pouco, não reclamava da comida, tanto é verdade que certa vez foi-lhe servida uma sopa preparada com óleo ranço e ele a tomou sem demonstrar nenhuma dificuldade e depois ao ser interrogado como estava a sopa ele respondeu que dava para tomá-la.

61 - Marello tinha uma predileção pelos idosos de Santa Chiara aos quais chamava de “*minhas jóias*” e continuamente estava com eles. Visitava frequentemente os órfãos e órfãs de Santa Chiara e se entretinha com eles dando-lhes bons conselhos. Quando saía de casa não esquecia a delicadeza e a bondade para com aqueles que encontrava. Pe. Garberoglio relata que todos os dias ele se encontrava, no caminho de Santa Chiara até a Cúria, com um vendedor ambulante que lhe oferecia uma caixa de fósforos ele todos os dias comprava-lhe uma caixa para ajudar este pobre homem.

62 - Era muito devoto de Nossa Senhora e de São José, mesmo porque estas duas devoções eram bastante comuns na metade do século XIX a partir da definição do dogma da Imaculada Conceição em 1854, e com a proclamação de São José como Patrono Universal da Igreja em 1870. Rezava diariamente o terço, como testemunha o Irmão Giovanni Zappa, que sendo-lhe próximo de quarto, e devendo com frequência dar-lhe recados, o surpreendia, muitas vezes, ajoelhado ao lado da cama sobre o piso frio com o rosário nas mãos absorvido na oração. Celebrava com máxima solenidade as festas marianas, particularmente, da Imaculada Conceição e de Nossa Senhora das Dores. Promoveu em Santa Chiara a reza diária do terço e do Pequeno Ofício da Beata Virgem. O mês de maio ele o queria lembrado com solenidade na igreja e reconhecido com um altarzinho de Nossa Senhora. Uma outra maneira com que honrava Maria era as peregrinações aos Santuários marianos as quais ele as fez com muita devoção: Oropa, Varallo Sessia, Certosa de Pavia, Pompei, da Misericórdia de Savona, Consolata de Turim, Vallone.

63 - Em março de 1881, Marello adquiriu um terreno em Antignano d’Asti onde havia um pequeno Santuário dedicado a Nossa Senhora das Mercês num lugar chamado “Vallone”. Nesse Santuário, Marello tinha celebrado uma de suas primeiras missas, por ocasião da festa de Nossa Senhora das Mercês em 1868. Esse era um lugar ideal para a contemplação e o recolhimento, por isso a intenção de Marello ao comprá-lo era para dar aos seus Oblatos um pouco de tranquilidade durante as férias. Para viabilizar isso mandou reformar a casa e a igreja que estavam muito estragadas. Para esse lugar os Irmãos se dirigiam em grupos de aproximadamente dez, durante as férias, onde aproveitavam para celebrar, no pequeno Santuário, particularmente, no dia 24 de setembro, com uma grande participação do povo do lugar. Esse pequeno Santuário com a casa foi de certo modo a primeira casa dos Oblatos fora do Michelerio. O certo é que o Fundador ao comprar esse imóvel deixava claro a sua inclinação para a vida contemplativa, tanto é verdade que, no dia 17 de setembro de 1882, o encontramos em visita à Certosa de Pavia e ajoelhado no interior do coro a rezar com tamanho recolhimento e fervor que o senhor Sasso, possivelmente o guardião daquele local, ao vê-lo rezar com tanto fervor se pôs também ele a fazer o mesmo até que se aproximou de Marello e lhe perguntou quem ele era ao que Marello respondeu que era um cônego de Asti.

64 - Marello demonstrava sempre humildade e gostava do escondimento, tanto que ele jamais tinha percorrido do começo ao fim da avenida Alfieri, e a única vez em que fez foi quando foram transportados os seus restos mortais de Acqui para Asti em 1923. Quando ia à estação ferroviária, tomava uma estrada secundária e chegado à praça “Statuto”, preferia

tomar um desvio que, naquele tempo, havia ao lado da igreja de São Paulo. Era extraordinário nas coisas habituais, dissera Pe. Garberoglio.

65 - Quando Marelo chegava todos os dias ao Michelerio, vendo-o caminhar tão direito e leve, o cônego Cerutti dizia ao Pe. Giorgio Medico e aos outros Irmãos: "*Vejam como caminha Pe. Marelo! Saibam que está com cilício e que as pontas se fazem sentir!*".

66 - Uma vez, enquanto Marelo fazia uma longa pregação na igreja, um seminarista se adormeceu sendo cutucado pelos companheiros que ao mesmo tempo começaram a rir. Marelo ao perceber a movimentação disse: "*Vejam, falamos de coisas tão pequenas, que até os pequenos dormem*". Outra vez, por ocasião dos exames finais um seminarista de nome Sabbione, esse e um seu colega tinham terminado a prova mas continuavam sem fazer nada; por isso Pe. Cortona pegou a prova e os mandou à capela para rezarem o terço. Faltavam apenas dez minutos para o meio-dia e estes preocupados não sabiam como rezar todo o terço para chegarem a tempo para o almoço. Então Sabbione disse ao companheiro: "*olha, eu digo Ave e tu você responde Santa e em poucos minutos conseguiremos*". De fato fizeram assim, mas ao saírem no pátio Pe. Cortona ao vê-los os chamou e perguntou-lhes "*Vocês rezaram o terço?*" Eles responderam que sim, mas Cortona não acreditando muito os colocou num cheque mate: "*Como vocês puderam rezá-lo assim em tão pouco tempo?*". Então ambos lhe revelaram o segredo, ao que Cortona achou engraçado e riu indo contar o fato ao Marelo o qual também riu e disse-lhe depois: "*Você quem errou, porque ao invés de castigá-los devia premiá-los*".

67 - Pe Garberoglio atesta que Marelo foi diretor espiritual de 1880 a 1882 do seminário de Asti e depois continuo a confessar os clérigos do seminário até quando foi nomeado bispo, e era entre os confessores aquele que tinha mais penitentes. Ele foi também por sete anos confessor e diretor espiritual da Obra Pia Millivacca com grande proveito para as meninas internas. Todos os que o tinham como confessor o admiravam pela sua caridade profunda e a sua iluminada prudência.

68 - Pe. Gay afirma que Marelo era mestre de santidade e de perfeição e iam até ele os penitentes mais escrupulosos e, às vezes, angustiados e aflitos e recebiam consolação. A mim, costumava dizer: 'Age quod agis'. Pe. Morra, pároco da catedral de Asti, confirma que, muitas vezes, em que foi confessar-se com Marelo sempre foi recebido com muita caridade, paciência e doçura.

69 - Madre Maria Graglia, superiora do Mosteiro da Visitação, em Pisa, e das irmãs Jole e Bice Graglia, afirma que a primeira vez que conheceu Marelo ficou impressionada pela sua humildade que transparecia a beleza de sua alma e a sua angélica piedade. A direção espiritual que ele dava a ela era marcada de doçura e pobreza, firme e decidida, sem jamais fazer sentir a sua autoridade. Insinuava docemente na alma o amor às virtudes e o desejo de perfeição e seus conselhos eram cheios de unção. Nunca usava repreensão ou severidade, mas sim, a sua fina delicadeza e as fraternas exortações.

70 - Bice Graglia, que também teve Marelo como seu confessor e diretor espiritual, afirma que durante os anos em que o teve com diretor pode conhecer todas as belezas de sua alma, todos os tesouros, que ele escondia aos olhos do mundo sob o véu da humildade, a qual era a sua virtude característica. Parecia ser guiado por uma luz celeste para conhecer o estado das consciências e sua modéstia estava no mais alto grau. Bice Graglia tinha 17 anos quando teve Marelo como seu confessor, no ano de 1883. Era de família rica e boa, mas seu pai, advogado, pouco praticava a religião. Essa jovem era atormentada pelo seu amor próprio e pela cólera, seguiu cheia de boa vontade o que lhe traçava o seu diretor que lhe apontava no

Cristo o ideal de toda perfeição. Guiou-a entre os obstáculos e as dúvidas, confortando-a nos momentos de fraqueza.

71 - Quando morreu Pe. Giuseppe Vay, confessor de vários sacerdotes da diocese, inclusive de Dom Sávio, Marello, jovem sacerdote e secretário do bispo, tornou-se o seu confessor e diretor espiritual, parecendo-lhe, como afirma Pe. Cortona: “...de nenhum outro sacerdote poderia ter aquela direção sábia e aqueles confortos que tanto precisava nas especiais circunstâncias em que se achava”.

72 - Durante todo o período que Marello permaneceu ao lado de Dom Carlos Sávio como seu secretário se comportou como se continuasse a sua vida de seminário, com uma programação do dia que passava ordinariamente da oração para a ação. Pe. Garberoglio relata que viu o horário feito por Marello confeccionado numa folha, colocado entre dois vidros marcando as várias atividades do dia tendo para cada uma algumas jaculatórias indulgenciadas. Encontra-se junto o Arquivo da Postulação Geral da Congregação em Roma escritos inéditos a esse respeito tais como: “**Pela Manhã:** Sinal da Cruz (50); *Veni Sacte ou Veni Creator ed Oremus* (100)P. – *Ato de fé, de esperança e caridade* (7 an. e 7 qu) P.- *Salve Rainha pela manhã e Sub tuum praesidium pela tarde com a recitação dos versículos: Dignare me. Ri. Da mihi virtutem. Benedictus Deus in sanctis suis. R. Amem* (100) (7 **na** e 7 **quar.** para cada semana)P. – *Dois domignos por mês e em todas as Festas de Nossa Senhora – Angele Dei* (100)P. – *Dolce Coração de Maria sede a minha salvação* (300)P. **À Tarde:** *Reza do Rosário (Ved.m/a Ind.) – Cinco Pater e Ave com o Te ergo quaesimus e Réquiem aeternam pelos falecidos e três Pater em memória da agonia de N.S. e três Ave em memória das Dores de V.M. – para os fiéis agonizantes* (300)P.- *Sub tuum praesidium – memorare piissima Virgo* (300)P. – *Antífona Da pazem Domine etc com Oremus: Deus a quo sancta desideria* (100)P...”(Abreviação: (100): dias = P: plenária cada mês)



José Marelló, Bispo – Junto aos Salesianos de Turim no ano de 1991 por ocasião do 50º aniversário do oratório Salesiano.

4 - BISPO

73 - Na carta de apresentação de Marelló como o novo bispo de Acqui, enviada, aos 28 de novembro de 1888, ao vigário Geral, Pe. Pagella, Dom Ronco o apresenta como um homem empenhado na causa dos pobres, particularmente, quando, em 1884 ele manifestou uma preocupação especial por eles em Santa Chiara com o funcionamento do Asilo que acolhia epiléticos, cegos, apopléticos, aleijados, bobos e velhos que não podiam se movimentar. Salientou também que Marelló, no ano de 1885, tinha tomado a generosa decisão de ir morar no meio dos seus pobres, os quais ele amava com coração de pai. Finaliza a sua carta declarando-o: *“uma pérola preciosa e uma bênção que Asti perde e que Acqui ganha. A sua vida é um constante exercício de virtudes, de zelo pela glória de Deus, para a saúde das almas e de obras misericordiosas pelos pobres. E todo este tesouro está escondido sob o invólucro da mais singela humildade...”*

74 - Marelló foi nomeado bispo de Acqui, uma vasta diocese, deslocada, em boa parte, sobre os montes dos Apeninos Ligure, contando com 121 paróquias e cerca de 125 mil habitantes. A sua nomeação se deu no dia 23 de novembro de 1888, quando ele estava com seu 44 anos de idade. Marelló ao receber a notícia de sua escolha como bispo foi se aconselhar com o cardeal de Turim, Gaetano Alimonda, o qual pediu para aceitar a nomeação; desta maneira, se colocou com total abandono na vontade de Deus, escolhendo como modelo para seu episcopado o bispo de Genebra, São Francisco de Sales. O seu brasão episcopal, desenhado

por ele mesmo, foi representado por um mar agitado sobre o qual brilha uma estrela com o monograma de Maria (MA) e se lê na cartela o lema escolhido por: "*Iter para tutum*" - "Prepara um caminho para todos".

75 - A tradição diz que foi o Papa Silvestre quem criou a diocese de Acqui e até o século IX não se conheceu os nomes dos bispos dessa diocese; apenas 7 nomes foram conhecidos até Marelo. Era diocese que tinha produzido homens ilustres pela sabedoria e doutrina como o bispo Maggiorino, Baudolino, Guido, sobretudo este último, patrono principal da diocese a qual a governou por 36 anos. Dessa diocese saíram também vários bispos, dentre os quais São Paulo da Cruz, fundador da Ordem dos Carmelitas Descalços de Santa Cruz e da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo (Passionistas). A Catedral de Acqui foi construída por São Guido e dedicada à Bem-aventurada Maria Assunta. Com suas 121 paróquias, tinha 504 igrejas e 5 Famílias religiosas. Quando Marelo assumiu a diocese, esta tinha 180 seminaristas, dos quais 78 entre filósofos e teólogos e os demais eram seminaristas menores.

76. O período episcopal de Marelo foi de apenas seis anos e meio, mas foi de intensa atividade. Neste período visitou todas as 125 paróquias, exceto a de Lussito, que, todavia já havia visitado rapidamente a pé, pois se encontrava perto da cidade e havia dito ao pároco que voltaria para a visita oficial quando ficasse pronta a igreja nova que ele queria benzê-la.

77 - Por ser a sua diocese plantada em boa parte sobre os montes dos apeninos Ligure, as suas localidades nem sempre eram de fácil acesso, mas mesmo as mais inacessíveis ele as subiu visitando-as sendo sempre acolhido com muito carinho e como um santo.

78 - Em Cassine, a 12 quilômetros de Acqui, a qual tinha sido a primeira cidade a acolhê-lo como bispo em 1889 com a banda de música municipal, por ocasião de sua visita pastoral não foi bem recebido por conta da política anti-clerical, sendo que nem o prefeito e nem seus assessores se dispuseram a recebê-lo por essa ocasião. Contudo, já na igreja, Marelo começou uma bonita pregação que inflamava o coração de todos os presentes, de sorte que aos poucos muitos que estavam de fora começaram a ir à igreja, inclusive o prefeito. Na tarde do dia seguinte, no final da visita, o prefeito com todos os seus assessores se apresentaram ao Marelo dando suas desculpas pelo ocorrido. É que a atitude afável de Marelo cativava.

79 - O seminário de Acqui no ano de 1891, quando Marelo era o bispo, contava com 78 seminaristas maiores entre filósofos e teólogos e 102 seminaristas menores. O reitor do seminário era Pe. Giuseppe Pagella que tinha uma grande consideração pelo seu bispo e falava dele com profunda admiração aos seminaristas e estes o tinham como um santo. Por ocasião da disputa que Marelo enfrentou com a "*Piccola Casa di Torino*" a respeito de Santa Chiara Pe. Pagella assim se exprimiu: "Se eu tivesse que gastar nesta causa o meu patrimônio inteiro, fá-lo-ia de boa vontade, porque esta foi a última vontade do meu santo bispo".

80 - Pe. Pagella era muito capaz e tinha muita influência no clero e entre os civis. O próprio Papa Leão XIII tinha manifestado seu apreço por Pagella, recomendando-o ao monsenhor Disma Marchese de levar muito em consideração a Pe. Pagella, "*que é o melhor vigário geral da Itália*". Seu valor era indiscutível, mas enérgico e de caráter oposto ao de Marelo. Possuía um caráter forte e impulsivo. Aos olhos dos padres da diocese tinha-se muitas vezes a impressão de que Marelo fazia aquilo que Pagella dizia.

81 - Apenas aparentemente Pagella demonstrava mandar na diocese, mesmo porque era um canonista muito preparado do qual Marelo se servia para o governo de sua diocese. Tendo-o

ao seu lado Marelllo conseguiu amenizar o seu caráter forte e a torná-lo dócil. Na sua humildade ele deixava que Pagella despontasse e o tinha em grande consideração ao ponto de afirmar: *”É um prazer ser bispo com um vigário como esse”*.

82 - A bondade e santidade do bispo Marelllo era constatada tanto pelos sacerdotes da diocese de Acqui como também pelo povo, basta lembrar o testemunho de algumas pessoas durante as visitas pastorais que ele realizou: Em Altare o povo dizia dele: *” Este bispo é um santo”*. Pe. Disma afirmou, em 1924, que durante os seus 58 anos de ministério sacerdotal tinha recebido inúmeras visitas pastorais, mas a que mais ficou impressa em sua mente foi a de Dom Marelllo realizada em 1891, pois *“os dois dias de sua permanência como meu hóspede foram para mim dias de paraíso. Acompanhou-me na comunhão geral de 600 pessoas e administrou 200 crismas e vi várias vezes descer de seus olhos lágrimas de consolação...”*

83 - Por ocasião das comemorações pelos cem anos de morte de São Luiz Gonzaga Marelllo organizou uma peregrinação em Roma com seus sacerdotes e leigos da diocese. Na ocasião todo o grupo participou da audiência com o Papa Leão XIII. Nesta oportunidade, relata Pe. Peloso e também Pe. Alfonso Mistrângelo (que depois será cardeal de Firenze): *“O santo Padre passava transportado em sua cadeira gestatória abençoando as várias filas de peregrinos, Quando ele chegou perto de nós, um dos seus acompanhantes lhe disse: ‘bispo de Acqui’ e o Papa perguntou: ‘bispo de Áquila?’- ‘Não, bispo de Acqui’. Então o Papa parou e disse: ‘Oh, Acqui, Acqui! Bênção - vos, bênção a diocese. Ao voltardes “dizei a todos que enviei para Acqui ‘Uma pérola de bispo’”. Às palavras do Papa, Dom Marelllo ficou todo vermelho, afirma Pe. Peloso, e dirigiu a conversa para outro assunto.*

84 - O cardeal Mistrângelo, escreveu em 1923 o acontecimento da denominação *‘pérola de bispo’* dada por Leão XIII explicava que tal era Marelllo; *“ele tinha da pérola a candura, a suave luz, os reflexos iridescentes e encantadores. A sua alma, bela e virtuosa, era espelhada nos seus olhos serenos, no seu sorriso angélico e na compostura simples. Digno e amável. Bastava se aproximar dele, conversar com ele e ouvi-lo para se ficar fascinado; estava-se diante de um novo Francisco de Sales”*.

85 - O estilo de pregação de Marelllo era simples e pastoral, como publicou o boletim semanal de Acqui, *“L’Ancora”*, em 1923: *”Tinha uma eloquência simples, paterna e cativante. A sua pregação era calma, sem artifícios de oratória, mas prática e sempre intercalada de fatos edificantes tirados da vida dos santos, das quais era assíduo leitor”*. O mesmo se diga sobre a sua maneira de escrever, conforme observa a irmã Miotti que as suas *“cartas pastorais conservam um estilo fácil e claro. Ao lê-las não se encontram idéias cultas, também se manifestam uma vasta e profunda cultura, particularmente patrística e bíblica, que com humildade coloca ao serviço do povo de Deus para edificá-lo”*.

86 - Quando Marelllo devia viajar tinha quase sempre a companhia de Battista, seu empregado, o qual o acompanhava à estação ferroviária a pé porque não utilizava de meios de transporte, e isso não por avareza, mas por penitência. Sempre que devia tomar o trem devia sair de casa um pouco adiantado porque durante o percurso as crianças acorriam ao seu encontro e ele parava para acariciá-las e abençoá-las.

87 - Marelllo tinha uma grande preocupação com o decoro das igrejas e por isso quando visitou a igreja de Olmo Gentile ao encontrá-la muito pobre e desprovida de pia batismal que era substituída por uma pequena bacia, ao voltar para casa enviou para a referida igreja uma pia batismal de pedra a qual foi conservada como o melhor presente recebido pela população.

88 - Nas suas visitas pastorais não se preocupava com o cansaço e com os incômodos. Ao celebrar em Ciglione saiu da celebração com as roupas todas molhadas de suor e teve que ir trocá-las deixando-as no quarto. A empregada encarregada de lavá-las ao tomá-las ficou tão impressionada com o estado delas que veio correndo dizer ao pároco: *"Padre, aquelas não são roupas de um bispo, mas de um pobre"*.

89 - Marelo se preocupava com todos indistintamente de suas qualificações e desejava que os seus sacerdotes estivessem presentes na vida de todos. Pe. Bistolfi, pároco de Mioglia, lembra que Marelo certa vez lhe disse: *"O senhor joga 'pallone elastico' muito bem"* ao que ele respondeu: *"é preciso estar junto com esse povo. Precisa compreender os seus problemas. São pessoas sofridas, precisamos ajudá-las"*.

90 - Por possuir dons artísticos Marelo desenhou o seu próprio brasão episcopal o qual delineava o mar com águas movimentadas tendo sobre si uma estrela com o monograma de Maria "MA" que representava as iniciais de "MA-r", "MA-relo", "MA-ria". Na parte inferior do brasão escreveu a frase *"Iter para tutum"*.

91 - O Irmão Benedetto Coppo relata que certa vez estava na residência episcopal para almoçar com Dom Marelo e seu secretário, Pe. Peloso e aos sentarem à mesa perceberam que faltava algo, então Dom Marelo disse ao Battista que estava de serviço: *"Battista, precisamos de uma escada, por favor, busque-a"*. Imediatamente o Battista buscou a escada e então Marelo pediu-lhe para colocá-la contra a parede e subí-la. Depois lhe disse em tom de brincadeira: *"Battista, olha ai do alto, vê se falta alguma coisa sobre a mesa?"*. Faltava o sal, mas a intenção em tom de brincadeira era de lhe advertir que não havia sal na mesa, pois o Battista era às vezes um pouco distraído. Depois bastava lembrar a escada para o Battista não esquecer mais nada.

92 - Pe. Giovanni Rabino afirma a respeito de Marelo que *"Jamais tinha visto um homem possuidor de tanta mansidão e docilidade, sem nenhum momento de impaciência, o que se percebe nele o esforço em frear a sua índole natural de tal forma que a docilidade lhe parecia uma sua segunda natureza"*. Outro sacerdote que o conheceu, Pe. Luigi Guastavigna afirma: *"Dom Marelo, para dizer em poucas palavras, era a santidade e a simplicidade em pessoa"*. Também Pe. Ernesto Voglino diz: *"Era a piedade personalizada"*.

93 - Marelo vivia um verdadeiro espírito de pobreza conforme testemunha a Irmã Tereza Sisto: *"Sempre lavei, passei e arrumei as roupas de Dom Marelo e notei que ele tinha roupas pobres, embora em ordem e limpas"*. Sua simplicidade era tal que a cozinheira dizia que não tinha nenhuma dificuldade em servi-lo, pois estava sempre contente com qualquer coisa que preparasse. Sempre atento aos necessitados ele colocava todos os dias à disposição uma determinada quantia que gastaria com os pobres e a distribuía. A sua caridade para com o próximo, ele a manifestava também de uma outra maneira: procurava cobrir com o manto da caridade os defeitos do próximo.

94 - Numa visita pastoral à paróquia de Montechiaro d'Acqui Marelo levou para seu quarto as relíquias ex ligno S. Crucis e passou aproximadamente duas horas diante desta relíquia em adoração. Isso demonstra a sua devoção à paixão de Cristo.

95 - Na visita pastoral à paróquia de Cassinelle, ao início da celebração da missa aconteceu que tinha se esquecido o turíbulo e o incenso, mas Marelo sem nenhum sinal de impaciência esperou que fosse providenciá-los. Foi preciso esperar aproximadamente 20 minutos, mas ele sempre calmo conversava com o pároco e com os coroinhas até que chegou o turíbulo e ele

com muita calma iniciou a celebração sem demonstrar nenhum sinal de perturbação, para a admiração dos fiéis presentes.

96 - Por ocasião da visita pastoral em Tiglieto durante a comunhão veio a falta de hóstias consagradas para muitos fiéis. Marelo ao perceber que faltavam as hóstias teve a paciência de preencher o tempo com pregação enquanto as hóstias eram preparadas (cozidas e cortadas) e depois consagradas por um sacerdote em um altar lateral, sem dar o mínimo sinal de contragosto.

97 - A simplicidade de Marelo chegava a coisas tão simples como o episódio relatado por Pe. Lorenzo Franco: *”Marelo se fazia pequeno com os pequenos e não se esquecia nenhum de nós. O primeiro ano em que os Irmãos foram passar as férias em Strevi, Marelo foi com eles dentro do rio Bormida e ali recolheu duas pedrinhas, uma branca e outra preta, e a entregou ao assistente (Irmão Paulo) dizendo-lhe de levá-las ao Franchino, que era eu e disse-lhe de lembrar-me de rezar e ser bom menino”. “Outra vez, ainda em Strevi, por ocasião das férias dos seminaristas estes saíram para um passeio, mas um deles não pode ir porque tinha machucado o pé. Ao vê-lo sozinho Marelo ouviu a explicação dele e depois lhe disse: Muito bem, diverte-te aqui mesmo, monta neste cavalinho, e quando ele montou, Marelo tomou o cabresto e puxou o cavalo pelos caminhos do jardim de Strevi.”*. O seminarista que Marelo conduziu pelos caminhos do jardim de Strevi era Luigi Garberoglio, seu terceiro sucessor na direção da Congregação. Strevi é uma localidade a poucos quilômetros de Acqui às margens do rio Bormida, esta tinha se tornado o refúgio de Dom Marelo. Era um antigo convento franciscano do século XVI preparado como residência de verão dos bispos de Acqui.

98 - Em fevereiro de 1888, o bispo de Acqui, Dom Giuseppe Sciandra, estava doente e velho, impossibilitado de celebrar uma ordenação sacerdotal o diácono Lorenzo Del Ponte foi enviado a Asti para ser ordenado por Dom Ronco, ao voltar para Acqui o néo-sacerdote foi interrogado pelo Vigário Geral, Pe. Pagella: *”Que impressão teve de Asti?”*, ao que Del Ponte respondeu: *”Assistindo o bispo havia um cônego tão composto, devoto e sereno que parecia um anjo do Paraíso”*. Um ano depois Marelo foi apresentado por Pe. Pagella como bispo de Acqui como uma *“Gema de bispo”*. Sua preciosidade era ancorada na sua humildade, como no exemplo que deu quando os seus colegas Pe. Riccio, Delaude, Rossetti e Motta vieram lhe dar os parabéns pelo episcopado e pediram-lhe a bênção, mas Marelo hesitava, pois eram seus colegas de juventude. Estariam brincado ou não? Então um deles lhe disse em piemontês: *“Su, su, fa nen la ciula”* (Vamos depressa, não seja bobo) e Marelo abençoou-os.

99 - Marelo, bispo, não se preocupava com o tipo de comida e comia muito pouco sem nunca dar ordens à cozinheira sobre refeições e nunca reclamava do que lhe era servido. Sua cozinheira dizia que ele estava sempre contente com qualquer coisa.

100 - O seu camareiro Felice Balostro afirma que Marelo comia pouco *“Lembro que lhe preparavam normalmente um pãozinho de aproximadamente cem gramas, que às vezes não comia por inteiro no intervalo entre o almoço e o jantar”*.

101 - Marelo tirava muito pouco tempo para o descanso e quando necessitava de fazer alguns exercícios físicos por causa de sua saúde frágil, caminhava um pouco no pátio da casa episcopal.

102 - Seu sermão costumava ser longo, mas o povo o ouvia com prazer, pois diziam que aquilo que ele pregava saía-lhe do coração.

103 - Se houvesse algum doente para ser visitado, ninguém conseguia segurá-lo, mesmo que fosse em meio ao mais rígido inverno ou nevasse. De fato, era muito solícito para os outros e esquecia-se de si mesmo.

104 - Tinha uma grande preocupação com as pessoas. Uma vez o seu secretário sentia-se um pouco estressado, ele com aquele seu olhar penetrante apercebeu-se disso e sem alarde lhe disse: *"Olha, Pe. Pietro, amanhã eu vou-me vestir como um simples padre e depois vamos fazer juntos um bom passeio"*. No dia seguinte, fizeram o passeio. Na verdade o secretário não desconfiou de nada e pensou que devia mesmo acompanhá-lo, e só mais tarde, refletindo sobre o fato, percebeu que ele lhe tinha feito aquela fineza para lhe proporcionar uma oportunidade de descanso.

105 - A ordem na cúria episcopal era para que qualquer um fosse admitido à audiência com ele e a qualquer hora que fosse. Ele atendia todos com bondade e grande interesse, sem se chatear com ninguém. A respeito disso narra Pe. Cortona *"Um dia, uma pessoa começou a contar-lhe uma lengalenga sem fim que cansaria até um morto, enquanto eu esperava o momento para conversar com ele coisas muito importantes. Quando ela terminou e se despediu, eu não pude conter-me de lhe observar: 'Excelência, como consegue interessar-se tanto de uma coisa tão insignificante?' E ele me responde: 'A nós parecem coisa insignificantes, mas para eles são coisas muito importantes. Se queremos que os outros se interessem pelas nossas coisas, devemos dar atenção às misérias e às mágoas dos outros'"*.

106 - O seu camareiro Felice confirma que os seus sacerdotes tinham o prazer de conversar com ele: *"Nunca os sacerdotes que iam procurá-lo me perguntavam com antecedência qual era o seu estado de humor, e ao saírem nunca percebi que tinham ficado chateados ou descontentes"*.

107 - Monsenhor Soave, que era vigário da Catedral de Acqui e depois se tornou pároco de Fontanile, afirma: *"Às vezes eu ia procurar o bispo e ele me recebia com festa, em seguida sentava-se no sofá e não queria que eu me sentasse numa poltrona, mas dizia" 'senta-te aqui no sofá perto de mim para podermos conversar melhor'"*.

108 - Relata Pe. Vittorio Macciò que um dia escreveu a Dom Marellò uma carta não muito educada porque desejava que o bispo tomasse uma decisão drástica em relação a um sacerdote, enquanto que Marellò o exortava a ter paciência e a rezar. Depois de algum tempo foi à Acqui para pedir desculpas ao bispo esperando encontrá-lo desgostoso, mas ao invés o encontrou muito afável e ao contrário de uma reprimenda, Marellò assumiu suas desculpas dizendo-lhe: *"Quando a gente está com a cabeça quente não consegue medir as palavras"*.

109 - Marellò era uma pessoa tão afável e admirada que o seu Vigário Geral, Pe. Pagella homem inteligentíssimo e também temido como Vigário, afirma que pelo Marellò teria se jogado ao fogo. Dele são também estas palavras por ocasião da morte de Marellò em Savona: *"O Senhor quebrou o molde, nunca mais fará um homem assim"*.

110 - No trato com as pessoas Marellò era muito espontâneo e sempre tinha uma palavra boa para dizer-lhes. Numa de suas visitas pastorais em Ciglione foi recebido com festa pela população não faltando a banda de música. Na pausa de descanso dos músicos conversando com um e outro chegou perto de um velho que tocava um bumbo; acariciou-lhe a longa barba branca e lhe sorrindo disse: *"Você é o mais barulhento de todos"*.

111 - Na visita que fez à Ricaldone, conquistou de tal maneira os corações daquele povo que, à sua partida o acompanharam com a banda por vários quilômetros, até a outra localidade

vizinha. Em Cairo Montenotte, uma aldeia de marca anti-clerical, foi acolhido com alegria tão logo o povo o viu abraçar uma menina dentre os que o recepcionavam. Numa outra aldeia denominada de Morbello, a sua visita coincidiu com a chegada de uma forte tempestade, arruinando toda a colheita, mas a sua presença foi uma bênção para aquele povo que recebeu dele conforto e resignação pela perda da colheita.

112 - Como bispo escreveu aos seus diocesanos sete cartas pastorais. Na primeira de 1889 transmitiu para todos os diocesanos uma mensagem de Paz. Depois escreveu sobre a Visita Pastoral, a Penitência, a Educação dos filhos, o Respeito humano, o Catecismo e sobre o Empenho Missionário. Homem dinâmico, bispo consciente de sua missão, Marelo dispunha ainda de tempo para a sua Congregação, sendo superior dela e da Obra de Santa Chiara até a sua morte, para ajudar os bispos vizinhos, além de participar do I Congresso catequético italiano de Piacenza, participar em Roma das celebrações pelo III centenário da morte de São Luiz Gonzaga, onde pela ocasião o Papa Leão XIII referiu-se a ele como *“uma pérola de bispo”*. Participou também em Gênova, em 1892 do I Congresso Católico Italiano e em 1894, participou enfim, do II Congresso eucarístico Italiano em Turim.

113 - Pe. Giovanni Rabino afirma que Marelo continuava fazendo em Acqui aquilo que fazia em Asti e ressalta que jamais tinha visto uma pessoa tão regularmente calma e dócil, sem jamais ter manifestado um ímpeto de impaciência, o que se podia entender o seu empenho em frear sua índole natural, de maneira que a docilidade parecia nele uma segunda natureza.

114 - É fácil encontrar afirmações como um sabor de elogio enfático sobre a pessoa de Marelo, tais como: *“Dom Marelo, para se resumir em poucas palavras, era a santidade e a simplicidade em pessoa”* (Pe. Luigi Gustavigna); *“Era a piedade personificada”* (Pe. Ernesto Vogliono)

115 - Pe. Rosotti testemunha que Marelo lhe chamava a atenção pela sua piedade quando se encontrava na capela da Vila de Strevi, na qual ele o viu a rezar muitas vezes sozinho, *“... ajoelhado diante do sacrário e tão absorto na oração que parecia que se estivesse vendo o próprio Jesus”*. Muitas vezes parecia que seu rosto se transfigurasse e quando celebrava a missa, não apenas manifestava intimamente que estava persuadido dos mistérios que lembrava, mas agia como se fosse uma só coisa com Jesus. Ele ia todas as noites rezar o rosário na capela de Strevi e no domingo em que a igreja era aberta ao público, rezava o rosário de joelhos no mesmo lugar diante do Sacrário. Em seguida participava da bênção eucarística, dada por um outro sacerdote e depois distribuía santinhos para as crianças.

116 - Um dia, os irmãos que estavam com Marelo em Strevi viram um sacerdote sair da audiência com um pacote nas mãos e muito contente; ao procurarem a razão de tanta alegria deste pároco, souberam que o bispo tinha lhe presenteado um turíbulo para as sua paupérrima paróquia, tão pobre que o referido sacerdote utilizava até então para as incensações litúrgicas, um turíbulo de terracota. Um fato semelhante, relata o irmão Benedetto Coppo, o qual viu na residência episcopal um pároco que tinha descido da montanha para conversar com Marelo e ao sair dali muito contente, levava de presente uma casula. De fato, ninguém que fosse buscar como esse padre uma ajuda, saía de mãos vazias. Era sobretudo notável em Marelo a sua bondade de coração, a sua mansidão e a docilidade em todas as coisas e para com todos, sem jamais manifestar uma atitude de impaciência, mas calma, serenidade e tratamento afável com todos.

117 - Pe. Giovanni Cristiano, um pároco ancião de 85 anos de idade, relatou este seu episódio pessoal ocorrido em sua vida de sacerdote: *“Um dia, encontrando-me muito triste pela*

possibilidade de perder completamente a visão, sendo eu já cego de um olho, dirigi-me até Dom Marelo para receber um pouco de conforto e alguns conselhos, pois já tinha a firme resolução de entregar a minha demissão como pároco. Marelo me acolheu e deixou-me desabafar, depois me disse sorrindo: - 'Esta é uma prova que o Senhor lhe quer muito bem e que não é abandonado por ele; volte contente para os seus paroquianos pois Deus lhe dará forças e coragem em para desempenhar o seus deveres e lhe conservará o pouco de visão que tem por muitos e muitos anos' - e a sua profecia se concretizou. Hoje estou com 85 anos de idade e 58 de ministério pastoral, são de mente e de corpo e com a mesma visão sem o uso de óculos e por isso posso continuar desempenhando as minhas tarefas de pároco nesta alpestre paróquia sem muitos problemas". Esse mesmo pároco recorda que por ocasião de suas bodas de prata sacerdotal, em 1891, recebeu a presença de Dom Marelo o qual ficou dois dias com ele, e 23 anos depois (em 1924) relatava que de todas as visitas dos bispos que recebera durante os seus 58 longos anos de ministério, aquela que mais ficou marcada em sua vida foi a de Dom Marelo, ocorrida em 1891, pois os dois dias que permaneceu como seu agradabilíssimo hóspede foram para ele dias de paraíso.

118 - Marelo como bispo de Acqui visitou todas as 121 paróquias de sua diocese, quase todas cidadezinhas da região astigina com as características colinas do Monferrato, famosas pelas suas vinhas e célebres pelos seus vinhos '*dolce moscato bianco*'. Em todas essas ele era acolhido com grande festa. Em Moasca os fiéis lhe prepararam um tapete de flores desde a casa paroquial até a igreja. Nestas suas visitas eram manifestadas as suas pequenas atenções como a de doar, ao final da visita 20 liras para a empregada doméstica do pároco, alegando que era para pagar um pouco dos incômodos que tinha dado.

119 - No dia 23 de novembro de 1891, Dom Marelo foi convidado para participar dos festejos, junto aos Carmelitanos de Santa Ana, do centenário de morte de São Giovanni da Cruz, na cidade de Gênova. Cirillo Penco, presente na solenidade relata: "*Era a primeira vez que via (Dom Marello) e tive imediatamente a impressão de estar diante de um santo. Isso era demonstrado pelo seu comportamento circunspeto, humilde e muito paterno. Essa impressão foi dividida com os meus confrades, os quais exclamava 'Que bispo santo!'. Suas palavras tinham algo de diferente dos demais, algo, que segundo o meu parecer era sobrenatural. Esse sentimento edificador, lembro-me, tiveram todos os meus confrades, deixando entre nós a lembrança de um santo e zeloso bispo, como já tínhamos ouvido falar de sua fama.*"

120 - Em visita pastoral à paróquia de Montechiaro-Denice, Marelo pediu para ser levada em seu quarto uma relíquia ex ligno Sanctae Crucis D.N.J.C e ali a adorou por aproximadamente duas horas, conforme o relato do então pároco, Pe. Francesco Pronzato. De fato, Pe. Garberoglio relata que Marelo tinha uma grande devoção pela Paixão de Jesus Cristo e não apenas incutia em seus filhos a devoção à Paixão, colocando na oração da noite a leitura diária de uma página de suas dores, dos seus tormentos, mas se comprazia ele mesmo, fechando-se por duas horas durante uma visita pastoral para venerar a sagrada relíquia.

121 - Ao visitar a paróquia de Turpino em 1892, acolheu as lamentações do pároco que reclamava não ter dinheiro para pagar-lhe o almoço; Marelo levando em consideração a triste situação deste, ao chegar a sua casa, lhe enviou 50 liras.

122 - Pe. Macciò, encontrando-se em Cassinelle para a pregação de um retiro espiritual por ocasião da visita pastoral do bispo, relata que participou nesta oportunidade da consagração da igreja. Ao iniciar a celebração na igreja de San Defendente, descobriu-se que faltavam o turíbulo e o incenso. Dom Marelo simplesmente disse que esperava que fossem buscar o turíbulo, mas para isso devia esperar uns vinte minutos. Enquanto isso, Marelo perguntou ao Pe. Macciò sobre o povo de Martina (lugar onde ele morava) e se entreteve com os

coroinhas conversando com eles como um pai e quando finalmente chegou o turíbulo, com toda a calma começou a celebração sem dar o mínimo sinal de descontentamento, para admiração de todos os presentes.

123 - Durante a visita pastoral em Morbello, relata Pe. Peloso, secretário de Marelo, estávamos quase para ir embora depois da frutuosa visita quando desencadeou um furioso temporal acompanhado de uma chuva de pedras. A população, diante do ocorrido ficou profundamente triste. Neste ínterim, Dom Marelo subiu até o quarto para rezar. Terminado o temporal, partimos para a paróquia de Gronardo, caminhando sobre as pedras de gelo caídas com a chuva. Durante todo o trajeto percorrido se percebia no rosto dele a tristeza e a preocupação. O povo não abandonou o clima festivo da visita do bispo, embora aquela chuva tivesse destruído toda a colheita do ano, mas em compensação recebeu de Marelo palavras que tocaram os seus corações e que elevaram o ânimo de todos fazendo esta visita render bons frutos. Dom Marelo foi sensibilíssimo ao sofrimento daquele povo, manifestando com a sua dor, as suas lágrimas e as suas palavras os sentimentos que acalmaram de tal forma aquelas pessoas desoladas que a visita pastoral não sofreu nenhum dano. Terminada a visita, enviou ao pároco de Gronardo uma ajuda para que fosse distribuída aos mais pobres.

124 - Em setembro de 1892, Marelo realizava a visita pastoral em Ponzzone da qual o pároco desta localidade o lembra pelas suas pregações cheias de palavras divinas, pela sua docilidade e afabilidade para com todos, pela sua fineza na conversa. Lembra ainda que sua paróquia tinha sob sua jurisdição outras 4 igrejas, dentre as quais a de Piancastagna. Era costume naquela época que, por ocasião da visita pastoral, as crianças dessas igrejas fossem levadas para a paróquia de Ponzzone para a recepção do sacramento da crisma. Aconteceu que os fieis de Piancastagna decidiram não levar as crianças para a crisma na referida paróquia e pretendiam que o bispo fosse crismar-lhes na sua igreja. Contudo, Marelo não cedeu à pretensão destes, resistindo às insistentes pretensões e ameaças dos representantes de Piancastagna. Somente depois que os fieis aceitaram a decisão de levar as crianças para Ponzzone foi que Dom Marelo se dispôs ir visitá-los. Piancastagna era distante 12 quilômetros de Ponzzone e a estrada era uma subida à altura de 800 metros, uma estrada que se podia fazê-la a cavalo ou a pé e Marelo a fez a pé, acompanhado por personalidades de Ponzzone, médicos, reitor, chanceler... Ao chegar a Piancastagna abordou o incidente de tal maneira que os fieis reconheceram o próprio erro e demonstraram-lhe veneração, amor e alegria acompanhada de reverência.

125 - O secretário de Dom Marelo, Pe. Peloso relata que o seu bispo manifestava um grande amor pelo próximo e tal amor não podia ter outra origem a não ser no amor de Deus. Os padres que iam conversar com Marelo na cúria episcopal saíam confortados. Um destes, que não queria conversar com ele, mas que depois foi, saiu daquele encontro com ele tão disposto a fazer tudo o que Marelo lhe indicou a tal ponto que exclamou: *"Com aquele homem não se pode proceder diferente, precisa fazer tudo o que ele deseja"*. Nunca nenhum padre antes de ir conversar com ele perguntava ao secretário como estava o humor do bispo, ao contrário do que acontecia com o seu sucessor.

126 - Quando Marelo se encontrava em Strevi tinha como lugar predileto a capela onde rezava com tanta concentração que parecia um santo, conforme diziam os seminaristas. Ali ele encontrava-se com as pessoas que iam até lá para vê-lo, distribuía santinhos para as crianças, descansava e se abastecia espiritualmente. As pessoas que se encontravam com ele

eram recebidas com tanta afabilidade que ao saírem diziam: "Como é bom este bispo; é mesmo um santo".

127 - O cônego Cerutti afirma que Marelo usava cilício para fazer penitência e, além disso, mesmo nos dias mais frios do rigoroso inverno astigiano, fazia a penitência de nunca colocar as mãos nos bolsos.

128 - Pe. Garberoglio testemunha que Marelo quando conversava tinha uma modéstia cativante, serena, jovial e com graça, sem que jamais as suas brincadeiras e as suas palavras fossem contrárias a circunspeção devida a ele e a nós. Nós sentíamos que ele tinha uma grande afeição por nós, mas era muito reservado em manifestá-la, limitava-se, contudo, a colocar algumas vezes a sua mão sobre a cabeça das crianças.



Castello di Frinco – comprado pelo fundador

5 - FUNDADOR

129 - A realização do Concílio Vaticano I em 1870 com o Papa Pio IX e o fim do poder temporal do Papa, foram dois acontecimentos que incidiram na vida da Igreja depois dos anos de 1870. O Papa Pio IX não aceitou a ajuda que o governo italiano quis dar à Igreja em 1871 com as leis "Guarentigie", preferindo confiar na ajuda do mundo católico com o óbolo de São Pedro e este foi um sinal que levou os leigos católicos, dentre os quais os jovens, a se unirem sempre mais ao Papa. Neste ínterim começou em Turim, uma cidade italiana dentre as outras da Itália que vivia grandes problemas sociais por causa de sua fase de industrialização, um florescimento de Associações católicas que deram um despertar do laicato católico e da ação social da Igreja. Em Asti havia a obra pia Michelerio para os órfãos, a qual era conduzida por Giovanni Battista Cerutti desde 1860 e depois, em 1874, surgirá o Asilo Cerrato. É nesse fermento do surgimento de Associações de caráter social que devemos olhar a tentativa de Marelo de instituir em Asti, no ano de 1872, uma "Companhia de São José". Para viabilizar o seu objetivo ele escreveu, no dia 25 de outubro deste mesmo

ano, uma carta a Pe. Giovanni Battista Cerutti e nesta (Carta N. 76), deixava claro que sua intenção não tinha nascido apenas de sua cabeça mas que fora fruto de idéias partilhadas com alguns de seus amigos, que desejavam sob a proteção de São José servir aos interesses de Jesus na Igreja de Jesus, onde funcionava o Michelério. Com esses seus amigos Marelo já fazia o apostolado da boa imprensa, circulando livros para a boa leitura, para o qual já possuíam centenas de volumes recolhidos ao longo dos últimos cinco anos. Estes amigos de Marelo eram, Rossetti e Delaude.

130 - A “*Companhia de São José*” idealizada por Marelo em 1872 tinha os mesmos objetivos das Associações laicais fundadas naqueles tempos em Bolonha, em fevereiro de 1867 (por Mario Fani e Giovanni Acquaderni), a “*Sociedade da Juventude Católica italiana*”, e em Turim em 1871, o “*Círculo beato Sebastiano Valfré da Juventude Católica*”. Tratava-se de “*cuidar dos interesses de Jesus*”, uma expressão muito significativa naquele tempo, servindo-se de todas as armas da fé para a consagração dos pensamentos, dos afetos, os estudos, a defesa da moral, dos bons costumes e da liberdade do Papa. Os membros desta Associação seriam tanto leigos como sacerdotes de boa vontade com o compromisso da oração pessoal e comunitária, Adoração ao Santíssimo na igreja de Jesus em Asti, assim como de realizar boas obras, agir em obediência ao Papa e ao bispo, promover uma biblioteca ambulante e também de um bazar católico de objetos de culto e o trabalho para as igrejas pobres. Tudo devia ser feito tomando as inspirações de São José que foi o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus. Pe. Giovanni Battista Cerutti, pessoa boa e preocupada com a juventude em seu Michelero e conhecendo Marelo não teria dito não a este projeto, mas outras dificuldades fora do ambiente do Michelero, pelas quais se pode dizer que a diocese de Asti não estava preparada ainda para aquele gênero de atividade, fizeram com que o projeto de Marelo não fosse concretizado. Contudo, não foi perdido porque Marelo começou a freqüentar a igreja de Jesus no Michelero onde fazia palestras, organizava adoração ao Santíssimo Sacramento, particularmente para os membros da “*Pia união das adoradoras perpétuas*” e até preparou um opúsculo de orações e de conselhos, que teve a sua segunda edição impressa em 1896. Desse trabalho de Marelo surgira também em 1896 a “*Pia união das damas auxiliadoras*”, com estatuto feito por Pe. Giuseppe Gamba e os seus membros eram todas filhas espirituais de Marelo.

131 - Depois da tentativa da fundação da “*Companhia de São José*” no ano de 1872, e da conseqüente inviabilidade deste projeto, Marelo continuou buscando a vontade de Deus atento em como melhor pudesse servir a Igreja. Passaram alguns, anos quando em 1877, veio o ano que segundo a expressão de Pe. Giovanni Battista Cortona, foi o ano em que Marelo “*Não duvidou mais da vontade de Deus*” e conseqüentemente se propôs fundar a nova Congregação. Tinha 33 anos de idade e 9 anos de sacerdócio. Para isso buscou apoio de Pe. Giovanni Battista Cerutti e também na sua obra, o Michelero, que bem conhecia, pois era assíduo freqüentador desta casa. O cônego Cerutti acolheu bem a idéia de Marelo, visto que a obra pensada por ele podia lhe ser muito útil aos órfãos. Apoiado por Cerutti sem ainda vislumbrar o perigo de ver sua obra somente em função de prestação de serviço aos órfãos do Michelero, Marelo se pôs a procurar, a partir daí, os primeiros candidatos para a sua “*Companhia de São José*”. O cônego Cerutti colocava suas atenções sobre os melhores jovens do Michelero para futuros membros da obra de Marelo. Apoiado por Cerutti, Marelo escreveu uma carta ao Pe. César Rolla, de 28 anos e pároco de Mongardino. Nesta primeira carta (Carta N. 94) ao Pe. Rolla escrevia-lhe: “*Conhece por ventura algumas dessas almas, seja de um rude camponês ou de um pobre operário que se sintam inclinada a...*”. Escrevera mais outra carta com o mesmo intuito ao Pe. Rolla e uma outra sem identificação.

132 - O Asilo Cerrato, apoiado por Dom Sávio, no qual trabalhavam as Irmãs da Piccola Casa do Cottolengo, foi um meio que fez Marelo ter bastante contato com o sucessor do Cottolengo, Pe. Luigi Anglesio que, por várias vezes, foi a Asti para questões desta casa fundada por Giovanni Cerrato, homem generoso que depois de 20 anos como professor do primário deixou a profissão por motivo de saúde e se dedicou ao comércio, mas descobrindo que não era isso que queria fundou o referido Asilo. Tanto Pe. Anglesio como Pe. Felice Carpignano, secretário de Dom Gestaldi, bispo de Turim, foram dois sacerdotes torinenses aos quais Marelo se dirigiu para receber conselhos a respeito de sua Congregação. O mesmo se diga de Dom Bosco, conforme declarou o Superior Geral dos Salesianos, Pe. Pietro Ricaldone.

133 - Com a morte de Dom Sávio assumiu aos 56 anos de idade a diocese de Asti Dom Giuseppe Ronco, um homem rude e duro no relacionamento, em contraposição a Dom Sávio, homem dócil amável. Diante do novo bispo, Giuseppe Marelo deixou passar um pouco o tempo e depois lhe apresentou um relatório sobre a idéia de sua Congregação pedindo-lhe para lê-lo e depois de dar-lhe um parecer. Depois de muitas semanas de espera Marelo se apresentou ao bispo e com muita modéstia pediu-lhe o parecer sobre o relatório, mas o bispo o acolheu com muita frieza e disse-lhe *“Eu não li o seu relatório, quando você me entregou-o, eu o coloquei sobre a escrivaninha e ainda se encontra lá sem ter sido mexido, se quer eu o restituo”*. O Fundador tomou de volta o seu manuscrito e colocou-o numa gaveta abandonando-se nas mãos de Deus. Dom Ronco não tendo lido o relatório não sabia quem era o fundador da Congregação, aliás, acreditava que era uma obra do cônego Cerutti. Ilustra essa verdade o fato de um dia Dom Ronco ver Giovanni Medico (então Irmão) conversando com Marelo, aproximando-se dele lhe perguntou: *“Quem é o teu superior o penitenciário (Cerutti) ou o cônego Marelo”*, ao que Medico respondeu-lhe: *“o nosso primeiro superior é vossa excelência, depois vem o cônego Marelo”*. Diante desta resposta Dom Ronco disse-lhe: *“Muito bem, queria dizer-lhe que devia ser o cônego Marelo”*.

134 - O primeiro objetivo de Marelo com a fundação da Congregação era ressuscitar a vivência dos Conselhos evangélicos na diocese de Asti. Queria também abrir as portas da vida religiosa para as pessoas mais humildes tais como eram os camponeses e os operários, assim como para as pessoas mais idosas. Para isso viu São José como modelo inspirador, homem totalmente consagrado a Deus, de vida escondida, pobre, laboriosa e de oração. Chamou-os de *“Irmãos de São José”* e a casa deles *“Casa de São José”*. No primeiro esboço da Regra fundamental da Congregação dizia: *“A quem por qualquer motivo (idade avançada, problemas de estudo, etc.) não possa ascender ao estado eclesiástico ou religioso, e todavia deseja seguir mais de perto o Divino Mestre de perto com a observância dos Conselhos Evangélicos, está aberta a Casa de São José, onde retirando-se com o propósito de permanecer escondido e silenciosamente operoso na imitação daquele grande Modelo de vida pobre e obscura, terá a possibilidade de tornar-se verdadeiro discípulo de Cristo... Irmão de São José não é religioso professo, mas simplesmente Oblato que se oferece continuamente a Deus, para alcançar a perfeição desapegado de todo terreno gozo de corpo e espírito”*. Marelo não pensava ainda no estado eclesiástico e nem no religioso com os votos para os Irmãos de São José. Deixava bem claro que o objetivo era: *“tornar-se discípulo de Cristo”* na imitação de São José, tendo-o como modelo de vida pobre e escondida, sendo a Casa de São José o lugar para se irmanar-se na vivência da caridade, com um desapego efetivo das coisas terrenas. Em quais específicos ministérios os Irmãos de São José deviam atuar Marelo não teve de imediato do Senhor uma clara manifestação.

135 - Na fundação da Congregação Dom Carlos Sávio teve a sua atuação como diretor espiritual ao aprovar a idéia de Marelo e não apenas em aprovar, mas também em

aconselha-lo. De fato, Pe. Carandino afirma que Dom Sávio deve ser considerado o avô da Congregação. Como bispo participou do surgimento da Congregação sugerindo ao Marelo orientar os primeiros Irmãos para ajudar as paróquias como catequistas e sacristãos. Estes deviam, portanto, serem bons sacristãos, bons liturgos e bons músicos.

136 - Marelo fundou a Congregação dos Oblatos de São José no dia 14 de março de 1878, tendo como primeiro Oblato Giorgio Medico, um jovem de 23 anos de idade que já tinha estado no seminário de Asti, no ano anterior, mas tinha saído devido a problemas de saúde e também por dificuldades financeiras. Marelo o conhecia porque era confessor e professor de catecismo no seminário. No ano seguinte a sua saída, Medico participou assiduamente das missões em sua paróquia, em Annone e em contato com os pregadores que eram Lazaristas, pediu para ser aceito nesta Congregação, mas antes de entrar recebeu uma carta de Marelo convidando-o para ser "*Irmão de São José*", mas não aceitou esta proposta, pois não se sentia de entrar em uma Congregação nova e nem mesmo iniciada. Mas Marelo insistiu com ele, pedindo-lhe para fazer por um pouco de experiência. Aconselhado pelo seu pároco, Pe. Stura, para que atendesse ao pedido de Marelo, o qual era secretário do bispo e pessoa que gozava de grande estima e admiração, então aceitou. Da mesma forma, o cônego Cerutti apresentou outros três internos do Michelerio para fazer parte desta primeira comunidade. Esses eram Pietro Luigi Beamino, com 20 anos de idade e trabalhava na alfaiataria; tratava-se de um jovem muito inteligente. Giuseppe Luigi Rey. Com 18 anos de idade; era um jovem bastante simples e estrábico. Vincenzo Franco, com 44 anos de idade; pessoa simples e boa e um operário do Michelerio. Passados quatro meses se uniu a esse primeiro grupo, no dia 20 de julho, Giuseppe Cappussotto de 21 anos; um jovem camponês, simples e piedoso. Poucos dias depois, 6 de agosto, entrava Francesco Ponzio, de 26 anos que trabalhava com alfaiate em Castelnuovo Calcea, cidade onde era pároco Pe. Antonio Vespa, companheiro de ordenação de Marelo.

137 - Em setembro do mesmo ano (1878) a obra de Marelo ganhava Giovanni Battista Cortona o qual era contado pelo cônego Cerutti, pois tinha saído do Michelerio para prestar o serviço militar por 3 anos. Pensava entrar no seminário da diocese de Ancona, mas ao convite de Cerutti para voltar para Asti ao seminário da diocese, indeciso em aceitar ou não, dirigiu-se à Catedral de Ancona, diante do altar dedicado a Nossa Senhora Rainha de todos os santos e ali rezou pedindo luzes e depois de uma longa oração sentiu como que uma resposta interna que lhe dizia de voltar e assim Maria lhe indicou que devia voltar à Asti. Em Asti, Marelo lhe fez o convite para participar de sua obra, contudo, Cerutti o revestiu com o hábito clerical no dia 8 de dezembro e colocou-o separado do meio dos Irmãos para que o seu exemplo não impressionasse os outros que não quisessem também estudar. Vale dizer que Cerutti era um homem douto, de piedade, bastante estimado e procurado como confessor e a prova disso é que Marelo depois da morte de Pe. Vay, escolheu-o como seu confessor. Oficialmente Pe. Cortona entrará na Congregação em 1883, depois de ordenado sacerdote, mas seu registro dentro dela mostra o dia 11 de setembro de 1878.

138 - A Congregação de Marelo iniciou num lugar alugado dentro do Michelerio na mais real pobreza, tendo um cômodo de 5,90 mt por 4,10 m que servia para sala de estudo, para lavanderia e o refeitório o qual tinha uma mesa pobre sem toalha e nem guardanapos, apenas um avental servia de toalha. Os pratos eram de terracota preta como usavam as famílias pobres do campo. Na sala um quadro de São José sem moldura. No andar superior do Michelerio foi alugada uma sala que servia de dormitório. Nos seis primeiros meses os Irmãos viviam o dia na sala do andar térreo e dali saíam sete vezes por dia para a capela para rezar, participando da missa todos os dias, a qual era celebrada pelo cônego Cerutti.

Rezavam todos os dias o Ofício da Bem aventurada Virgem e o Rosário. Na formação recebiam todos os dias do teólogo Tiago Garetti, que era professor no seminário, as aulas de catecismo, e de Marelllo, ao menos uma vez por semana até que foi nomeado bispo, a formação pautada fortemente sobre a vida e as virtudes de São José. Também o cônego Cerutti dava-lhes formação. Todo o tempo livre depois da formação e das práticas de piedade era empregado para o trabalho no Michelerio seja como assistentes dos internos, seja como alfaiates, sapateiros, tipógrafos, porteiros, hortelões. O cônego Cerutti permanecia toda a manhã fora de casa para seus compromissos e Marelllo também, por isso Pe. Giuseppe Asso se responsabilizava pela casa como vice-reitor. Este, não raro, colocava em ridículo os Irmãos, como lembra Pe. Medico que os obrigou esvaziar as fossas do Michelerio que há 30 anos não eram limpas e isso não sem o perigo de se asfixiarem e depois levaram todo o resíduo retirado das mesmas para adubar a horta.

139 - Em outubro de 1885, Marelllo se transferiu para Santa Chiara ocupando um quarto muito simples com piso de tijolos e o colchão feito de palha. A presença de Marelllo entre os Irmãos foi-lhes um estímulo para viver a piedade, a operosidade e o amor aos pobres, também se ele podia permanecer pouco tempo com eles devido as suas ocupações na cúria e na Catedral. Geralmente chegava depois do horário do almoço da comunidade, mas Pe. Cortona e Medico o esperava para almoçarem juntos.

140 - Marelllo na sua humildade procurava não ressaltar o que fazia e buscava a colaboração de todos os membros da Congregação para o bom andamento dela. Pe. Carandino testemunha que Marelllo em uma das suas colocações quando ainda estava em Asti, disse: *” A nossa Congregação não tendo à frente um fundador de expressão, como tiveram tantas outras, mais um simples sacerdote cheio de boa vontade sim, mas sem dons especiais, precisa que todos os seus membros contribuam com a prática das virtudes e com conselhos e se tornem juntamente com quem tem o nome de fundador “Verdadeiros fundadores”. Por isso, todos nós devemos rezar de comum acordo e trabalhar para a Congregação, esperando com humildade que Deus nos ilumine manifestando-nos o que deseja de nós, e nos dê a força necessária para fazer a sua vontade”*.

141 - Devido a peculiar humildade de Marelllo houve quem pensasse que os Oblatos era uma criação do cônego Giovanni Cerutti, diretor do Michelerio onde viviam os primeiros membros de sua *“Companhia de São José”*. De fato, Cerutti os chamava de os *“meus fradinhos”*, e fazia também a sua vestição. Entretanto Marelllo não se importava com isso e deixava que Cerutti dissesse e fizesse.

142 - O que o Fundador ensinava aos seus primeiros Oblatos? Sabemos que Marelllo ao ver a penúria de clero na diocese de Asti teve a intenção em primeiro lugar de colocar como colaboradores dos sacerdotes os Irmãos, e depois, num segundo momento sacerdotes. Esse motivo na fundação de Marelllo não é o primeiro e nem o único, afirma Pe. Antonio Geremias, mas o primeiro motivo é teológico, ou seja, a experiência e o amor de Deus vividos pelo Fundador e como resposta, a sua consagração e o abandono a Ele. É difícil ter uma idéia clara daquilo que Marelllo ensinava aos seus Oblatos, pois não possuímos anotações sobre isso, mas segundo Pe. Cortona, Marelllo comunicava aos seus Oblatos aquilo que nos longos anos de meditação tinha absorvido das virtudes e dos méritos de São José. Ele tinha lido todas as obras de São Francisco de Sales, em particular aquelas que o santo fala de São José, e com isso tinha uma idéia de São José e um desejo forte em imitá-lo. Marelllo, sobretudo se detinha sobre a vida interior de São José. Particularmente procurava imitar os exemplos das virtudes apreendidas da vida de São José. Por isso nunca se via Marelllo abatido pelas contrariedades e nem também muito alegre na prosperidade, mas não

deixando nunca em ser alegre, afável e delicadíssimo com todos. O ponto principal da vida de São José que Marelo se detinha com os Irmãos Oblatos era a vida escondida deste grande Patriarca com seu amantíssimo Jesus. (cfr Brevi Memorie, pg 26). Para Marelo a “*Casa de São José*” era o lugar da “*imitação de São José*”. Os Oblatos eram, portanto, chamados ao “*serviço de Deus na imitação de São José*” e por isso a máxima que ele repetia aos Irmãos era: “*et vita vestra abscondita sit cum Christo in Deo*”. Esta é a frase bíblica que sintetiza a espiritualidade da Congregação. Todo o compêndio do ensinamento de Marelo o temos, porém, em duas frases: “*Sede Cartuxos em casa e Apóstolos fora de casa*” e “*Como São José, vivamos cada dia segundo às disposições da Providência fazendo o quanto nos é sugerido*”. Essas duas frases são palavras do Fundador, porém não aparecem em seus escritos; essas vão enquadradas na plataforma que é própria da espiritualidade josefina, com uma chamada de atenção constante para a “*imitação de São José*”. A frase “*Sede Cartuxos em casa e Apóstolos fora de casa*” não é originária de Marelo, mas ele a repetia com frequência no contexto de sua espiritualidade como haviam dito outros santos antes dele no contexto da própria espiritualidade, como São Vicente de Paulo que tinha como programa para seus missionários: “*Sede Cartuxos em casa e Apóstolos fora de casa*”, ou como Santo Afonso, Pio Bruno Lanteri, Francisco Faà. Em suma, Marelo propunha aos seus Oblatos uma vida comum, porém não vivida em modo comum, por isso, a máxima que procurava repetir sempre era: “*Sede extraordinários nas coisas habituais*”.

143 - São José foi o Santo escolhido por Marelo para o modelo de sua Congregação, por isso ele quis que seus Oblatos crescessem sempre mais, como São José, em todas as virtudes e também em seu culto. Das cartas que ele enviou aos seus Oblatos encontramos 25 delas que indicam especificamente a pessoa e os exemplos do Guarda do Redentor para serem seguidos. Ei-las Cartas 95; 156; 158; 160; 161; 164; 167; 181; 183; 195; 201; 202; 203; 204; 206; 207; 208; 215; 221; 226; 227; 229; 242; 273. Além dessas encontramos outras cartas e escritos que contêm verdadeiros tesouros de pensamentos sobre São José como as cartas: 35; 62; 76; 78; 86; 163; 159; 170; 172; 185; 198; 205; 210; 225; 234; 237; 248; e os escritos: 173; 228; 327; 227

144 - No final do ano de 1879, portanto a menos de um ano da fundação da Congregação, Marelo fez uma peregrinação a Ars com o objetivo de entrar em contato com os Irmãos da Sagrada Família, Congregação religiosa de leigos fundada em 1835 por Garbriel Taborim e presente em Ars desde 1849 a pedido do cura D’Ars para que fosse encarregada de um orfanato para meninos e como sacristãos na paróquia. Marelo desejava observar o trabalho deles na Igreja, pois era esse o objetivo que tinha em relação à sua Congregação. Na ocasião Marelo visitou o túmulo do santo cura que tinha morrido há 10 anos e adotou para os Irmãos a veste religiosa dos “*Irmãos da Sagrada Família*” para os seus Irmãos Oblatos já na primeira vestição religiosa realizada no dia 19 de março de 1879, com os seis primeiros membros de sua família religiosa. A veste era uma batina preta sem botões com uma faixa na cintura pendente para o lado esquerdo, um colarinho branco e um barrete preto.

145 - É certo que a primeira idéia do Fundador, apoiada por Dom Sávio, era aquela de preparar “*jovens educados e instruídos com o objetivo de serem ótimos sacristãos, cozinheiros, catequistas, alfaiates, etc, para que pudessem ajudar os párocos, mas por falta de pessoas quase que imediatamente teve de modificar o objetivo e surgiu a Congregação como é atualmente, a qual teve início logo depois da morte de Dom Sávio*”. Este é o testemunho do cardeal Giuseppe Gamba, testemunha de *visu et de auditu* sobre a origem da Congregação. Testemunha também o cônego Peloso, que foi secretário de Dom Marelo: “*Desejoso de corresponder perfeitamente à vontade de Deus, começou recolher jovens em comunidade para formar-lhes para a perfeição da vida*”.

crístã (treinando-os na pobreza, modificação, humildade e oração) e formá-los como bons catequistas também bons sacristãos...". Dissera também o cônego Ernesto Ponzio que Marelllo iniciou a Congregação dos Oblatos de São José para formar sacristãos, catequistas e colaboradores leigos dos párocos... Pe. Giovanni Viola afirma que: *"Como São José se dedicou ao serviço da Sagrada Família, assim no primeiro objetivo os nossos Irmãos deviam cuidar do decoro da igreja, ao canto e a ajuda aos párocos nas sagradas funções e no catecismo..."*. Por fim, Pe. Pozzi dirá: *"Se alguém me perguntasse qual foi o objetivo que o nosso Fundador quis dar ao seu instituto, respondo segundo a opinião de alguns, que a primeira idéia foi para formar bons sacristãos, os quais como São José, tomariam conta da casa de Deus..."*

146 - A influência que Dom Sávio teve sobre o nascimento da Congregação foi muito forte, visto que ele como bispo ao fazer as visitas pastorais percebia a falta de decoro das igrejas e desejava prover pessoas para o cuidado delas com uma instituição. Por isso, Pe. Carandino afirma que Dom Sávio foi o *"Avô da Congregação"* porque foi ele quem aconselhou ao Marelllo a fundação: *"Sodales Josephini ab oblatione orti sunt... auctore Carolo Savio episcopo, et patre legifero Joseph Marelllo"*. Para a nova Congregação Dom Sávio disponibilizou a sua herança.

147 - A primeira vestição religiosa dos Oblatos foi presidida no Michelerio pelo cônego Cerutti, o qual acolheu para a nova Congregação seis membros que na ocasião trocaram de nome; assim: Giorgio Medico tomou o nome de Irmão Giovanni; Pietro Luigi Beamino recebeu o nome de Irmão Teresio, saiu para casar e montou uma alfaiataria em Bellinzona, na Suíça; Vincenzo Franco passou a ser chamado Irmão Bernardo, este entrou no seminário de Asti e se tornou sacerdote; Giuseppe Luigi Rey tomou o nome de Irmão Clemente, depois saiu e ingressou no seminário de Asti; Francesco Ponzio passou a ser chamado Irmão Leone e Giuseppe Cappussotto que tomou o nome de Irmão Giuseppe Maria, também esse saiu provavelmente por dificuldade nos estudos. Marelllo jamais fez uma vestição de seus Oblatos no Michelerio, mas sempre foram realizadas pelo cônego Cerutti, diretor desta obra que passou a chamar os Irmãos de *"meus fradinhos"*, tanto é verdade que em Asti estes eram chamados como os *"fradinhos do cônego Cerutti"*. Vale dizer que com a cerimônia da primeira vestição dos Oblatos, estes inauguraram em Asti um novo regime de vida, depois de 80 anos do desaparecimento prática da vida religiosa com o decreto de supressão do dia 29 de maio de 1855. Com esse decreto somente no Piemonte foram suprimidas 21 Congregações masculinas dentre as quais Dominicanos, Servos de Maria, Capuchinhos, Beneditinos, Oblatos de Maria, Cistersenses, Carmelitanos descalços e calçados, Agostinianos descalços e calçados, etc. Foram suprimidas também; em 14 Congregações femininas dentre as quais Agostinianas, Beneditinas, Carmelitanas descalças e calçadas Franciscanas de Jesus, etc.

148 - Com a vestição dos primeiros Oblatos no dia 19 de março de 1879, essa pequena comunidade começou a ser conhecida e a notícia de sua existência chegou aos ouvidos de São Leonardo Murialdo, morto em 1900, o qual tinha fundado em Turim, em 1873, a Congregação de São José. Murialdo que sempre era muito atento às iniciativas assistenciais e sociais católicas que surgiam na Itália, tomou então a iniciativa de visitar os Oblatos em Asti, no dia 22 de julho de 1879.

149 - Em 1888 os alunos superavam a centena e juntando a estes aos órfãos abrigados na casa formava o número de 140 jovens instruídos pelos Irmãos. Em 1892 o número alcançou 160 e não podendo aumentar mais por falta de local, pensou-se na abertura de outro colégio. A Providência ajudou e seu adquiriu o Castelo de Frinco e ali se implantou uma extensão do colégio de Santa Chiara a partir de 1893 e com esta nova localidade os Oblatos passaram a ter 214 pessoas. Naquele anPe. Marchisio da Piccola Casa di Turin, juntamente com Dom

Bertagna fizeram duas propostas ao Marelló: “*Ou os Irmãos Oblatos se uniam à Piccola Casa com tudo o que possuíam, ou pagavam a ela os gastos feitos em Santa Chiara*”. Diante da proposta Dom Marelló respondeu: “*Nesta união, não somente não vejo o maior bem para a Congregaçãó, que me custou tantos sacrifícios à qual eu devo pensar, mas prevejo a sua destruiçãó. Os Irmãos dificilmente vão renunciar aos estudos para se tornarem enfermeiros. A Congregaçãó tem uma finalidade mais nobre, isto é, aquela de buscar a saúde das almas, e o Senhor até hoje por isso a abençoou largamente, como atesta o seu desenvolvimento. Com a união pelo contrário aconteceria com ela aquilo que acontece com o rio Pó, que, no ímpeto da correnteza, entrando no mar, conserva um pouco de sua água, mas depois esta acaba para se confundir com o mesmo mar... Seu eu procurasse o meu comodismo diria para os Irmãos para se unirem e assim acabaria minha preocupação e problema, pois eu já tenho uma vasta diocese para governar, mas por ser fácil demais, esse projeto me parece não vir de Deus*”.

150 - Em 1883, os Oblatos considerados idôneos começaram a preparar-se para o sacerdócio. Isto aconteceu porque naquele ano entrou na Congregaçãó Giovanni Battista Cortona, e tal fato foi interpretado por Marelló como indício divino de que a Congregaçãó deveria também ocupar-se do sagrado ministério à disposiçãó do bispo. Como expressara o próprio Cortona mais tarde: “*O Senhor disse ao Fundador – ‘ascende superius!’ (sobe mais para o alto), e abriu-se para os Irmãos o caminho para o sacerdócio, mesmo permanecendo aberto o caminho dos Irmãos leigos*”. Por isso, a partir de fevereiro de 1884, os Irmãos abriram os livros e começaram a preparaçãó pra o sacerdócio.

151 - As Constituições da Congregaçãó de 1909 diziam: “*A Congregaçãó consagra toda a sua atividade nas obras do ministério sagrado, como realizar missões, ajudar os párcos em dias de festas e em outras ocasiões de trabalho, receber dos bispos economatos espirituais das paróquias, fazer catequeses, aulas de religiãó, colégios, internatos, orfanatos e também toda obra que as circunstâncias requererem...*”. Assumir as paróquias tornou-se uma necessidade quando ao assumir os Oratórios estes estavam ligados às paróquias e assumi-las dava mais liberdade para o trabalho, sobretudo com a juventude. Depois porque com as aberturas das missões das Filipinas e do Brasil, havia essa necessidade, por isso no Capitulo Geral de 1921 se estabeleceu que: “*Em situações extraordinárias (de clero diocesano escasso e de pedido expresso dos bispos) os Josefinos aceitarãó paróquias*”. Contudo, o primeiro aspecto do carisma apostólico da Congregaçãó foi sempre, como afirmou o Capitulo de 1923 “*a educaçãó e a instruçãó religiosa da juventude*”. Olhando sempre para São José, o educador de Jesus e o homem operoso no serviçó e na guarda de Jesus.

152 - No Regulamento da Congregaçãó de 1892, afirmava-se que a Congregaçãó “*tem por finalidade dos jovens nas formas que Deus dispor*” E ainda: “*Os sacerdotes trabalharãó em obediência ao bispo, nas tarefas de administradores espirituais, de vigários paroquiais nos dias de festa, como capelões, na pregaçãó e em todos aqueles serviços que a cada dia a Divina providência quiser revelar*”.

153 - Os Oblatos eram solicitados por Dom Ronco para atender as paróquias sem párcos como “*ecônomos espirituais*”, assim testemunhou Pe. Barberglio: “*O bispo de Asti mandava os nossos primeiros sacerdotes como ecônomos espirituais nas paróquias vacantes e geralmente naquelas mais pobres e as menores sem ter quase o direito de estola. Os confrades sempre deviam tirar dinheiro do próprio bolso para os gastos...*”. Em vista disso Pe. Cortona consultou ao Fundador se não era conveniente obter da cúria a aplicaçãó “*pro populo*”, ao que Marelló lhe respondeu que era preciso suportar com paciência aquele peso. Um dia seria reconhecido os seus sacrifícios.

154 - A denominação “*Casa Mãe*” foi usada somente depois que a Congregação teve outras casas. A partir de então a casa de Santa Chiara fora indicada como a mãe de todas as outras e assim permanecera na história.

155 - Em Santa Chiara, o ex-teatro Porcelli, reconsagrado como igreja da casa se tornou um centro vivaz de culto. Por ocasião da novena do Natal, os Irmãos Benedetto e Bonfiglio organizavam os seus cantores, a cada ano sempre melhores, e ali as músicas místicas em gregoriano, os poderosos “Magnificat” polifônicos, os solenes “Tantum ergo” e as brilhantes pastorais ressoaram sob a direção de Pe. Rivellino e depois de Pe. Nebbia. Ali, no Sábado Santo, o Irmão Felipe Navone cantava o triunfal “Nabucodonosor Rex”.

156 - As paróquias vacantes foram uma das primeiras ocupações da Congregação, ainda quando Marelllo estava vivo. Antes da Concordata de 1929, entre a Itália e a Santa Sé, quando uma paróquia ficava vacante, o governo civil se arrogava o direito de gozar pelos menos de seis meses dos frutos da comunidade, por isso o bispo não podia nomear logo um pároco e então enviava para essas paróquias os administradores, ao qual o governo fazia um pagamento irrisório de aproximadamente uma lira por dia. Nesta situação os padres aceitavam de má vontade o trabalho nas referidas paróquias, por isso, os Oblatos se tornaram uma preciosa ajuda ao bispo de Asti, basta dizer que em 1883, um ano antes da morte de Marelllo, dos seis sacerdotes que a Congregação contava, cinco estavam encarregados desse serviço. Geralmente os nossos padres iam para essas paróquias aos sábados e voltavam nas segundas-feiras, levando consigo um Irmão. O percurso era quase sempre feito a pé e as distâncias variavam de 3 a 4 horas.

157 - Na mesma linha da ajuda ao clero diocesano os Oblatos desenvolveram o apostolado de ajuda nos dias festivos como confessores, pregadores e catequistas. Nesses dias os padres saíam para as comunidades debaixo da lama, da neve ou da poeira, caminhando horas a fio a pé ou de bicicletas entre as montanhas e vales no serviço às paróquias e capelas rurais. Pe. Savino relata que se caso esse serviço ao clero secular fosse abolido da Congregação sob o falso pretexto de cuidar melhor das próprias obras, seria sepultado um dos filões mais autênticos da identidade marelliana.

158 - Uma outra característica dos Oblatos nos primórdios da Congregação foi a ajuda aos párocos no ensino do catecismo e justamente na igreja de Santa Chiara logo que esta foi aberta ao público passou a funcionar uma escola de catecismo.

159 - O Asilo de Santa Chiara foi um prolongamento do Asilo Cerrato. Ao adquiri-lo, Marelllo o assumiu transferindo-o para Santa Chiara. Naquela época sem a conhecida previdência social as estradas andavam cheias de velhos mendigos e também de crianças e recolher essas pessoas, dar-lhes uma casa, um pouco de pão e de afeto era uma verdadeira obra de caridade. Manter esses abandonados não era nada fácil, tanto é verdade que nos dias de mercado pelas ruas de Asti os internos da casa iam ao mercado com carrinhos para recolher a sobra das verduras não vendidas para dar de comer aos pobres de Santa Chiara. Para solicitar a caridade as Irmãs do Cottolengo que trabalhavam nesta casa haviam colocado do lado de fora um cartaz no qual se lia: “*Faça caridade aos pobres doentes crônicos*”. Tal nome ficou em Santa Chiara e na língua do povo, algo que para alguns Oblatos aquela denominação: “*doentes crônicos*”, soava antipático, pois dava a impressão de humilhação e desprezo à Congregação. Evidentemente, os doentes de Santa Chiara eram mesmo dignos de piedade, pois eram os mais pobres entre os pobres, os mais miseráveis e os mais desprezados da cidade e da Província de Asti. Por causa disso alguns Oblatos se perguntavam se não era melhor separar o Asilo de Santa Chiara para acabar com aquela humilhação de serem

chamados de “*padres dos doentes crônicos*”, ou eles mesmos, doentes crônicos. Entretanto, a Congregação viveu por muitos anos nesta simbiose de vida e de nome com o Asilo. Na verdade, esse fato é uma coisa que deve honrar muito os filhos de Marellò, ele que por primeiro se empenhou e gastou muito do seu patrimônio para disponibilizar essa casa para os pobres, assim como nos é de exemplo Pe. Giovanni Cortona que passou no Asilo todo o tempo que não estava no confessionário e com os doentes vivia, comia e morreu. É-nos de exemplo ainda o trabalho desenvolvido pelos clérigos Oblatos nesta casa, os quais iam fazer a barba dos pobres velhos, assistir os doentes graves e fazer-lhes penosas limpezas e tendo-os como gente da mesma casa.

160 - Em Santa Chiara os Oblatos se dedicavam aos órfãos e as irmãs Filhas de Santa Ana às órfãs para um número que variava entre 40 a 50 assistidos desde os cinco até os 12 anos. Estes freqüentavam o estudo básico e quando terminavam arrumavam um emprego ou voltavam para suas famílias. Dentre os Oblatos encarregados dos órfãos estiveram os clérigos Carandino e os Irmãos Antonio Zappa e Lorenzo. Em 1904 a família dos órfãos foi transferida para a casa de Canelli, na diocese de Acqui; esta fora doada à Congregação por Pe. Francisco Sacchero. Na verdade, os orfanatos acolhiam adolescentes e jovens abandonados de suas famílias ou aqueles que apresentavam situações difíceis no nível pessoal e social. Pe. Carandino não era favorável a abertura de orfanatos e dizia que as casas a serem abertas deviam comportar o trabalho com a catequese, o Oratório festivo, a escola de canto mas não os órfãos. De fato o orfanato de Canelli funcionou apenas 22 anos sendo substituído por um seminário menor.

161 - Na verdade, eram acolhidos também Santa Chiara os alunos do ensino básico e os seminaristas, os quais eram entre 90 a 100 (compreendendo alunos, seminaristas e órfãos do 3º, 4º e 5º anos do ensino básico). Todos, ao terminarem o estudo tinham um trabalho específico ou eram enviados para as respectivas famílias. Os órfãos desde 1889, eram cuidados pelas Irmãs de Santa Ana, as quais faziam a comida, cuidavam da roupa, etc, e recebiam ajuda dos *Irmãos Oblatos*, os quais cuidavam da recreação deles, do estudo e do dormitório. As aulas eram ministradas pelos Oblatos em casa, mas os exames, nas escolas públicas. O primeiro encarregado dos órfãos de Santa Chiara foi Pe. Carandino, depois o Irmão Antonio Zappa e em seguida o Lorenzo Franco. Em 1904 os órfãos foram transferidos para a casa de Canelli, a qual foi a primeira e a única aberta na diocese de Acqui. Ali este orfanato funcionou até 1926 quando então a casa foi adaptada para seminário menor.

162 - Pe. Savino Vivaldi afirma que quando a Congregação dos Oblatos de São José tinha recebido o “*decretum laudis*”, isto é, a aprovação da Santa Sé, esta era constituída em grande parte por Santa Chiara com suas dependências em Frinco, no Michelerio, e na obra juvenil Fulgor em Asti, porém já começava a espalhar os seus ramos com os florescentes Oratórios de Trecate, Armeno, Pontremoli, Codogno e os orfanatos de Trino, Canelli e Figliano, assim como a direção do seminário de Fossano e o cuidado em Alba de uma capela rural que depois se tornou o Santuário da Moretta.

163 - O trabalho com a juventude foi a marca característica dos Oblatos a começar com o Michelerio no ano de 1901. Depois foi o orfanato anexo ao Asilo de Santa Chiara, depois transferido para Canelli em 1904 e que funcionou até 1925. Vale lembrar que quando a Congregação se transferiu do Michelerio para Santa Chiara em 1884, além da catequese na igreja reconsagrada e o Asilo, funcionava também o colégio para a assistência dos jovens estudantes. Depois vieram os orfanatos de Trino Vercellese e de Figliano. É importante não se esquecer que por 12 anos, de 1903 a 1914, os Oblatos cuidaram dos seminaristas menores

diocesanos de Cussanio (Fossano) sob a direção de Pe. Enrico Carandino e que rendeu daqueles alunos o cardeal Pellegrino, arcebispo de Turim.

164 - No trabalho com a juventude os Oblatos se dedicaram também aos Oratórios, sendo o primeiro deles o de San Giovanni, aceito por Pe. Cortona em 1895. Este teve logo um florescimento com a “*Sociedade Fulgor*”, que foi por muitos anos a única sociedade católica de Asti e que levou o nome desta cidade nos concursos internacionais de ginástica. O segundo Oratório foi confiado aos Oblatos pelo bispo de Pontremoli (Toscana), Dom Ângelo Fiorini, no ano de 1904. Esse trabalho com a juventude foi providencial, pois se dizia então que o esporte dos jovens pontremolenses era brigar formando grupos de bairros rivais. Neste Pe. Francisco Omegna montou uma banda marcial, Pe. Nicolau Praglia um coral e Pe. Gabri um grupo de teatro. Não havia festa na região que não estivesse presente o coral de Pe. Praglia e a banda de Pe. Omegna. Do trabalho Oblato neste Oratório resultou muitas vocações para a Congregação, dentre vários lembramos os padres Luigi Mori, Savino Vivaldi, Mário Buttini, Giocondo Bronzini e os Irmãos Pietro Cuffini e Giuseppe Maestri. Na diocese de Novara os Oblatos dirigiram os Oratórios de Trecate (neste, os Oblatos trabalharam quase 60 anos e o sinal da vitalidade do trabalho neste Oratório foi o florescer de numerosas vocações tanto para a Congregação como para a diocese, inclusive dois bispos: Dom Tonelli, para a diocese de Pinerolo, e Dom Brustia, para a diocese de Andria. Além do mais, todos os quatro párocos que se sucederam em Trecate no tempo em que os Oblatos estiveram lá, se tornaram bispos). Outros Oratórios foram Armeno, Oleggio (neste último esteve presente Pe. Giuseppe Calvi, morto no Brasil em conceito de santidade), Castelletto Ticino, Varallo Sesia. No ano de 1909 foi aberto o Oratório de Codogno na diocese de Lodi e em seguida os Oratórios de Mirabello Monferrato, Certaldo (neste último trabalhou Pe. Afonso Rivellino, que tanto tinha entusiasmado em Asti com seus cantos e marchas). Em seguida vieram os Oratórios de Soncino, Mondovi, Salò, Pontevico, Este, Piacenza e Sesto Fiorentino. Na verdade, o período entre 1904 e 1925 pode verdadeiramente ser chamado da era dos Oratórios na Congregação.

165 - Dentre os primórdios do trabalho com os Oratórios deve-se destacar aquele desenvolvido na “*Sociedade Fulgor*” sob a direção de Pe. Felipe Berzano. Esta foi por muitos anos a única sociedade juvenil católica de Asti e conheceu seu tempo de glória tendo o seu nome aplaudido em Paris e em outras cidades da Europa onde a equipe de Ginástica Fulgor conquistou várias vezes prêmios internacionais. Esta depois de muitos anos de atividade veio a perder o seu atrativo, esvaído o fascínio da ginástica na qual se sobressaía, e somado ao nascimento de outras Associações católicas em Asti que vieram lhe tirar a exclusividade. Mas no lugar desta, com o mesmo nome de Fulgor, surgiu um grande colégio, onde a Congregação, de outra forma, continuou a educação religiosa da juventude de Asti. Por fim, depois de ter deixado o Oratório São Giovanni (durante a guerra por falta de pessoal), o primeiro assumido pela Congregação, Pe. Giovanni Cortona, logo depois do fim da guerra, mandou construir para que servisse como salão e capela, um edifício que depois se tornou a parte central da tipografia São José e abriu o Oratório denominado São Luigi. Nele trabalharam, dentre outros, os padres. Giovanni Viola, Emílio Martinetto e Carlo Ferrero (os últimos dois depois se tornaram missionários no Brasil).

166 - Desde o ano de 1892 havia a necessidade de levar uma parte dos que ocupavam o grande complexo de Santa Chiara para um outro lugar visto a variedade de comunidades ali convivendo (clérigos, seminaristas menores, alunos, órfãos.); surgiu dali a possibilidade de se adquirir o Castelo de Frinco, distante 18 quilômetros de Asti. Tratava-se de um Castelo medieval tendo como seu proprietário o marques Vittorio Incisa de Camerana, mas o mesmo

estava hipotecado junto a “*Cassa di Risparmio*” de Ivrea, por 12.500 liras. No dia 30 de maio de 1893 ele foi comprado pelo valor da hipoteca. O edifício estava com vários estragos e precisava de reformas, contudo era habitável e vinha a responder às necessidades de mais espaço, pois oferecia 90 quartos. No dia 29 de junho do mesmo ano, depois de um intenso trabalho de limpeza e restauro, o Castelo foi inaugurado com o concurso dos habitantes de Frinco e a organização de uma procissão com a imagem de São José em volta de todo o Castelo, a qual foi depois colocada na porta de entrada principal deste, resgatando desta forma o valor deste imóvel que, abandonado, tinha tido as suas amplas salas transformadas em depósito de grãos e para o cultivo do bicho da seda. O pároco de Frinco, Pe. Conti, esforçou-se muito para que os Oblatos adquirissem este imóvel pois era um ícone para a cidade e merecia ser revitalizado, por isso era o mais contente da presença dos Oblatos, afirmando que estes, com a implantação do Colégio Sagrado Coração neste local “*deram e darão prosperidade e fama ao município de Frinco... Esta, eu acredito, é a obra mais louvável de minha vida... O funcionamento do Colégio do Sagrado Coração em Frinco é a mais grandiosa obra da qual tenho orgulho de ter contribuído no exercício do meu ministério paroquial... Devido a isso esta cidade de Frinco se distingue dentre todas as outras da diocese Astese, pela razão do pároco estar sempre ajudado no exercício do seu ministério por sacerdotes e clérigos ali residentes e na administração dos santos sacramentos, na pregação, na liturgia com majestosos cantos e sons do armonium. Aqui os clérigos darão o catecismo para os jovens da paróquia e por meio das venerandas irmãs della Pietà, residentes também elas neste Castelo, se ensinará a doutrina a todos os jovens*”. Pelos esforços de Pe. Conti e pelos méritos de ter contribuído para que os Oblatos tivessem esse Castelo, ele recebeu do prefeito de Frinco, Carlo Cavallero, o título de “*Cidadão benemérito – Pai do município de Frinco*”.

167 - O Castelo de Frinco era distante de Asti aproximadamente 18 quilômetros. Foi adquirido por Marellò no dia 30 de maio de 1893. No ato de sua aquisição ele estava muito em desordem devido um terremoto ocorrido em 1887, porém valia a pena, pois além de possuir 90 quartos que resolviam o problema de mais espaço de Santa Chiara, era um lugar agradável. Foi preciso bastante tempo para colocá-lo em ordem, tanto é verdade que somente no dia 29 de junho foi possível inaugurá-lo no qual, na sua entrada foi colocada uma bonita estátua de São José com a inscrição: “*Posuerunt me custodem*”. Esta foi transportada em procissão com a participação inclusive do povo do lugar.

168 - No mesmo ano, passaram a residir nele 25 seminaristas do 3º e 4º ensino básico tendo Pe. Carandino como superior e Pietro Bianco, futuro Superior Geral da Congregação, como assistente. A capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus foi organizada na sala mais bonita do Castelo a qual foi decorada por um pintor de Asti e embelezada com um afresco de Nossa Senhora, pintado por Natale Brussasco, futuro missionário no Brasil. No Castelo funcionou um Colégio “Colégio Sagrado Coração”. As atividades neste Castelo permaneceram até 1909 sendo depois retomadas entre os anos de 1949 a 1957, quando então este foi vendido e os seminaristas passaram para a casa de Vila Quaglina. Na verdade, o Castelo de Frinco fez parte importante da história da Congregação pois nele aconteceu o primeiro noviciado canônico dos Oblatos, tendo como mestre Pe. Luigi Garberoglio. Além do noviciado, também ali foram acolhidos os estudantes de filosofia e de teologia

169 - Do Castelo de Frinco alguns reclamava pelo clima do lugar com seus fortes ventos levando em conta os longos invernos sem o aquecimento da casa e com seus vastos salões expostos ao vento e ao frio, mas servia muito bem para o período de férias dos clérigos e dos seminaristas menores de Santa Chiara. Do Castelo podia se contemplar um panorama magnífico, o Vale de Versa, as colinas revestidas de parreirais, coroadas de cidadezinhas e de

Castelos, além da branca coroa dos Alpes. Pe. Savino Vivaldi, não com um ar de nostalgia lembra deste Castelo com estas palavras: *"Agora tudo acabou!, o velho Castelo, o segundo ninho de nossa infância religiosa. Não ressoam mais os cantos, as orações e os gritos alegres da juventude marelliana. Entre as paredes desacralizadas cacarejam as galinhas e brigam os galos...Se um dia fosse disperso entre nós o espírito de oração, o recolhimento, a humildade, a obediência, a pobreza, à nossa Congregação, sucederia como ao Castelo de Frinco: alienados os valores fundamentais, a Congregação não seria mais que um tétrico albergue de pessoas inúteis e descontentes"*.

170 - O último escrito de Marelo que permaneceu foi a resposta dada ao Pe. Demetrio Poggio, reitor dos Escolopianos de Ovada, o qual o convidou para a celebração do 3º centenário da morte de São Felipe Néri, na igreja dedicada a este santo, em Savona. Não sendo possível a presença de Dom Giuseppe Borraggini, bispo daquela diocese, este sugeriu que convidasse Dom Marelo o qual aceitou de bom grado respondendo ao convite no dia 21 de maio de 1895 com estas palavras: *"Aceito com prazer a grata proposta, a qual vem ao encontro do meu desejo de gozar de sua hospitalidade e da afável companhia dos bondosos padres Escolopianos e ao mesmo tempo me dá a oportunidade de oferecer os meus obséquios a excelentíssimo bispo desta diocese"*. Na manhã do dia 25 de maio, antes de partir para Savona, Marelo não estava bem e foi desaconselhado de viajar pelo seu secretário Pe. Peloso, mas devido à palavra dada aos padres Escolopianos não seguiu o conselho de seu secretário e até lhe disse: *"Vamos à Savona para a festa de São Felipe Néri e se for o caso, se morrer"*. Em Savona cumpriu todas as suas obrigações com muita dificuldade, mas no dia 30 de maio morria com 50 anos, 5 meses e 5 dias. Desde a fundação de sua Congregação no dia 14 de março de 1878 até o dia de sua morte tinham sido transcorridos 17 anos 2 dois meses e meio e sua Congregação contava com 6 sacerdotes, 41 estudantes, 15 irmãos leigos, num total de 62 membros.

171 - A causa de sua morte, segundo atestou o Pe G. Rabino, possivelmente foi por hemorragia cerebral visto que naqueles dias ele sentia sobre que sobre a sua cabeça parecia que tinha um peso de chumbo. Na cabeceira de sua cama foi encontrado o livrinho *"De imitatione Christi"* assinalado no capítulo *"De gloria coelesti"*. Junto consigo trazia poucas liras. No dia 1º de junho, depois da missa de exéquias celebrada na Catedral de Savona em meio a uma forte chuva, seu corpo foi transportado até a estação ferroviária de Savona para ser levado para Acqui onde chegou à tarde e foi exposto na capela da cúria episcopal para a visitação do povo até o dia 4, sendo depois transportado até a Catedral depois de passar pelas principais ruas da cidade. Na Catedral Dom Re, bispo de Alba, celebrou a missa solene das exéquias. Por fim transportado ao cemitério de Acqui sendo sepultado na terra ao lado de Dom Giuseppe Sciandra, seu predecessor na capela reservada aos bispos. Um dos padres presentes no seu sepultamento testemunhou que enquanto o caixão era colocado no túmulo, duas bonitas pombas brancas voaram sobre a capela e permaneceram lá até ao término da cerimônia, não obstante o constante movimento das pessoas.

172 - Depois da sepultura de Marelo foram celebradas muitas missas nas paróquias da diocese de Aqui e de Asti e uma das primeiras foi celebrada na capela do seminário de Aqui. Celebrou-a Pe. Giuseppe Salvi, professor do mesmo seminário, o qual delineou a vida de Marelo com um esplêndido elogio fúnebre nestas palavras: *"Giuseppe Marelo foi um meteorito luminoso que brilhou diante de nossos olhos e desapareceu, mas no seu breve aparecimento nos roubou o coração e nos obrigou a amá-lo como um amigo conhecido de muitos anos. Por quê? Porque um conjunto de virtudes, escondidas, mas difíceis de serem praticadas, enfeitava o seu belo coração e o tornava amável a todos... Acredito ser supérfluo pedir para constatarem a sua piedade, a qual sabemos o quanto foi vivaz, mas tenho a alegria de elucidar-lhes três de seus dons preciosos porque*

são muito raros: a sua docilidade, a sua delicadeza de sentimento e a sua observação ciosa de todo segredo...Estas três qualidades eram seus dons incontestáveis...”.

173 - A epígrafe latina colocada debaixo do retrato pintado na cúria episcopal de Acqui dá o seguinte testemunho de Marelo: *”Joseph Marelo /Domo S. Martini ad Tanarum/ crea. Ep. Aquen. Na. MDCCLXXXIX / Mitis – Prudens – Xti Caaritate flagrans/ Cunctis – Deflectus – Obiit – Na. MDCCCXCV Aetatis LI/ Rexit Ecclesiam Suam An”*

Essa epígrafe foi substituída em 1923 por ocasião do traslado de seus restos mortais para Asti com os seguintes dizeres: *“1889 Josephus Marelo / Oppido S. Martini ad tanarum. Animo mitissimus – anismosque pacandi mira virtute praeditus. Pro senibus – auxilio destitutis – Hospitium erexit. Astae – Pompejæ Congr. Istituit a S. Joseph noncupatam. Cr. Ep. Aquens. an. 1889. Vultus et eloquii – suavitate omnibus acceptissimus. Savonam – sacri ministerii causa profectus morte – correptus fuit anno 11895 aetatis 51 – In Domo Príncipe suae Congregationis – Astae Pompejæ requiescit ab anno 1923”* (1889 Giuseppe Marelo – De San Martino Tanaro – manso – maravilhoso pacificado das almas – para os pobres idosos abriu um Asilo – Fundou em Asti a Congregação de São José - Tornou-se bispo de Acqui em 1889 – com o sorriso e a palavra tornou-se agradável para todos – Dirigindo-se em Savona por razões do seu ministério – morreu no ano de 1895 – com 51 anos de idade – Repousa em Asti na Casa Mãe da sua congregação desde 1923).

174 - No dia da morte de Marelo o jornal de Asti, *“Il Corriere Astigiano”*, publicou a notícia de sua morte com estas palavras: *“...prelado douto e modesto, benéfico e prudente que formava o decoro do episcopado piemontese e a admiração de todos os que o viram também se somente uma vez...”* O jornal de Savona, *“Letimbro”*, dirá: *“A morte de Dom Giuseppe Marelo é luto para a igreja subalpina, da qual era ornamento, para a diocese de Acqui, da qual era pastor e pai, para Turim, da qual era preclaro cidadão”*. O jornal de Acqui, *“La Gazzetta d’Acqui”*, também noticiará: *“Sacerdote de índole cordial, perfeito gentil-homem, bondoso no coração como na sua maneira, exemplo de modesta virtude... Nos poucos anos em que dirigiu a importante diocese foi venerado e amado pelo clero, sempre benquisto pelo povo que apreciava muitíssimo as suas qualidades”*.

175 - A última carta escrita pelo Fundador aos seus Oblatos foi dirigida a Pe. Cortona, datada de 4 de março de 1895. O último parágrafo desta carta aconselhava aos Oblatos a *“Animarem-se todos, sob o manto paterno de São José, lugar de ótima segurança, nas tribulações e angústias”*. Nesta, o Fundador exprimia as aflições que tinha em seu coração quanto a questão de Santa Chiara com a Piccola Casa e da angústia que os Oblatos viviam dentro de um clima de bisbilhotices e de crítica que estavam se difundindo em Asti, a ponto que os Oblatos pensavam em se retirarem de Santa Chiara para poder viverem tranquilos.

176 - Em 1900, cinco anos depois da morte de Marelo, Pe. Giovanni Battista Cortona era responsável por 20 sacerdotes Oblatos, 24 clérigos, 22 noviços, 13 Irmãos, 29 seminaristas. Somados as Irmãs e os internos, Santa Chiara tinha uma população de 342 pessoas.

BIBLIOGRAFIA

Biografia del Beato Giuseppe Marelo (Volume Primo)

Libreria Editrice Vaticana - Città del Vaticano - 1997

Severino Dalmaso

Biografia del Beato Giuseppe Marelo (Volume Secondo)

Libreria Editrice Vaticana - Città del Vaticano - 1997

Severino Dalmaso

Biografia del Beato Giuseppe Marelo (Volume Terzo)

Libreria Editrice Vaticana - Città del Vaticano - 1997

Severino Dalmaso

Brevi Memorie della Vita de Mons. Giuseppe Marelo

Scuola Tipografica San Giuseppe - Asti - 1920

Giovanni Battista Cortona

Dom José Marelo, Um Santo para ser Amado e Venerado

Edições Ave-Maria - São Paulo - 1996

José Antonio Bertolin

Il Beato Giuseppe Marelo

Edizioni Piemme - Arti Grafiche TSG - Asti - 1993

Paolo Risso

Il Venerabile Giuseppe Marelo,

Edizione Joseph - III edizione - Asti - 1970

Ângelo Rainero

Lettere del Venerabile Giuseppe Marello

Tipografia San Giuseppe - Asti - 1980

Mario Pasetti (a cura di)

La Bontà ha un Nuovo Martire, Mons. Giuseppe Marello

Edizione Joseph - Arti Grafiche TSG - Asti - 1973

Mario Pascolo

Un Testimone del suo Tempo – Venerabile Giuseppe Marello

Edizioni Joseph – Arti Grafiche TSG – Asti – 1989

Giovanni Galliano

Scritti e Insegnamenti del Venerabile Giuseppe Marello

Tipografia San Giuseppe - Asti - 1980

Mario Pasetti (a cura di)